

O LUZEIRO
Revista Mensal publicada pela
Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:
Prof. H. J. Souza
DIRETOR RESPONSÁVEL:
Eng. Clovis Bradaschia
REDATOR-CHEFE
Dr. Ermelino J. Pugliese
GERENTE:
Eng. G. E. Malschitzky
SECRETÁRIO:
Dr. Guedes Pereira
TESOUREIRO:
Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos
assinados são de responsabilidade
dos autores.



SUPLEMENTO DA REVISTA "DHĀRANĀ"

SUMÁRIO

Misteriosa Viagem de Um Adolescente ao Norte da Índia.

Valiosos Documentos Que Atestam a "Missão Y".

Teatro S. João.

Homenagem à Ilha de Itaparica.

Homenagem à Bahia.

É permitida a transcrição parcial ou total dos artigos, deste periódico, desde que citada a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL

MISTERIOSA VIAGEM DE UM ADOLESCENTE AO NORTE DA INDIA

H. J. SOUZA

Não é possível fazer-se a descrição de cousa alguma que tenha caráter secreto, da mesma maneira por que são feitas as de caráter profano ou exoterico. Sim, porque, o início da História do Movimento cultural espiritualista em que estamos empenhados, e ao qual a própria Lei achou por bem lhe dar o nome de «Missão Y», por abranger as duas Américas, inúmeras vezes temos dito que «somente determinado número de Sêres, aos quais daremos o nome de «Guias da Humanidade», tomou parte direta em semelhantes acontecimentos». Para o mundo profano, portanto, poder-se-ia dizer que os mesmos foram de «ordem subjetiva».

Depois dessa mesma Missão ter tomado forma objetiva, e obediente à disciplina estabelecida para um Colégio Iniciático, aos poucos, os mais adiantados foram se tornando senhores desse cabedal imenso de Sabedoria e de acontecimentos. Razão pela qual, aquele que não estiver de posse dessas duas partes que definem a Obra perante o mundo, ou seja, a sua História e a sua parte didática, não se acha em condições de pre-estabelecer julgamentos...

Na própria Vida de Jesus há um ponto que se torna obscuro para quem a estuda com o carinho e respeito a que a mesma faz jús. E' aquele de seu desaparecimento da idade dos 13 anos «quando discutia com os doutores no Templo», para o da sua volta ou aparecimento com 30 anos de idade. A própria Igreja o desconhece por completo. Sabemos, entretanto, que foi o tempo bastante para a sua Iniciação entre os essênios, ou nazarenos (e não que êle tivesse nascido na cidade de Nazaré), assunto de que se fala em outro trabalho publicado no presente número de **O Luzeiro**.

Nossa Viagem ao Norte da Índia — que já foi publicada de modo sintético (e, portanto, com as reservas ou «véos» por Lei exigidos...), o que na Índia se chama de «Maya-Budista» ou Maya-Vada em o número 125 de nosso órgão oficial — a revista DHĀRANĀ — tendo que o ser novamente no presente número deste período-

dico, no entanto, já é feito de um modo um pouco mais claro, só se ocultando as partes mais secretas, por serem, de fato, as mais transcendentes, e que nem tôdas as inteligências poderiam compreender «com justa razão ou bom entendimento»... (1)

E é assim que vamos dar início à nossa peça, com seu triplice caráter de TEATRO, ESCOLA E TEMPLO:

Teatro, sim, porque — como na vida de Krishna, do próprio Gotama, o Buda, nas escolas iniciáticas da Grécia e, ainda hoje do próprio Oriente, etc. essa parte é a que dá início a todos os enredos, missões e conseqüentes iniciações. Nesse caso, a História de nossa Obra ou Missão, tinha que começar de modo teatral ou espetacular. Foi, pois, no tradicional TEATRO S. JOÃO, na cidade do Salvador, que os Dois Principais Protagonistas da Peça se encontraram, tiveram que «cantar juntos» — uma parte francamente iniciática, para logo receberem ordem «de ir à Ilha de Itaparica, fronteira à capital baiana, ou Cidade do Salvador». A mesma Ilha onde se encontraram Diogo Alvares Corrêa, o Caramurú, e Catarina Paraguaçu, como lugar onde esta nasceu. Como se sabe, a Ilha de Itaparica, também chamada de «Ilha Tabérica de Nassau», por aquela justíssima razão, e outras mais de que nos temos ocupado inúmeras vezes, tornou-se «o Berço da Civilização Brasileira». E como a referida ordem, exigia o dia 24 de Junho daquele ano (1899), «por lei de causalidade», «é o mesmo que o mundo cristão comemora como DIA DE S. JOÃO. Nome este que, por sua vez, fazia jús ao do TEATRO, onde ambos se encontraram.

E assim, depois das «férias de S. João» que, naquela época na Baía, iam até depois dos festejos de DOIS DE JULHO (ou da Independência), o «jovem adolescente», em vez de tomar rumo à escola, «fugiu (como a consciência lhe ordenara) em companhia da sua Bem-amada, teatral ou espetacularmente... a caminho de Lisboa. Sim, a Bôa Lis ou FLÔR DE LIS de tão transcendentes amores...

Eram às Ave-Marias, quando o vapor MINHO, da Royal Mail Steam Pacquet Company zarpava do porto, as primeiras luzes iluminando a privilegiada cidade de Tomé de SOUSA... O jovem, debruçado na amurada, olhava tristonho para aquele quadro — que lhe enchia o coração de dúvidas e de saudades... Seu pai em cima da cama, passando mal há bastante tempo. Sua mãe à cabeceira, pensando no filho, «que ela julgava na escola»... quando a verdade era, que dela se afastava para longas distâncias! E então as lágrimas começaram a descer pela face, num mixto de dôr e de mistérios impenetráveis... E dizia de si para si: «Por que devo fazer tal cousa, deixando meus Pais por uma jovem que «caiu do céu», é bem verdade, mas que não fazia parte da minha vida...? E a resposta se fazia silenciosa, mas lógica e precisa, por ser da maior transcendência: «Lembra-te das palavras que ouvistes «nas areias daquela ilha». Palavras saídas do mar, como se do próprio Netuno o fôssem... Ela, como se tivesse adivinhado o que se passava na mente do AMOROSO. E acariciando-lhe os cabelos, teve estas palavras: «Não desanimes. Os Deuses nos acompanham. Tudo há de sair da melhor maneira possível! Nós estamos completando um drama inúmeras vezes representado. E que tem por Epilogo a vida presente...»

Os dias iam correndo, como as contas de um rosário. Os folguedos dos ciganos que viajavam na terceira classe (sempre eles nos acompanhando até hoje, tanto de perto como de longe...) não distraiam o mancebo, mesmo que sua bem-amada sempre ao seu lado, a animá-lo, a dizer-lhe cousas misteriosas! Para outro fim não fôra ELA educada! Finalmente, o vapor chega ao TEJO, o mesmo de que fala a profécia da Serra de Sintra! Um casal dos mais veneráveis, ela com o porte, ao mesmo tempo «de santa e rainha», êle, como «Sábio e Guerreiro», vieram em busca dos Dois Protagonistas da Peça, levando-os para a sua casa, um mimo de comodidade e de riqueza.....

E aí ficaram durante algum tempo, mesmo que visitando a cidade, indo até Sintra, etc., para que o Mistério não ficasse sem o devido efeito...

Aconteceu, porém, que «as forças do mal — contra as quais a Voz do Mar lhes havia prevenido...», as mesmas que os perseguem de vida em vida para que a sua Missão fracasse (nesta mesma, várias vezes tem isso acontecido) modificaram as diretrizes por Lei traçadas. Mas essa mesma Lei, com a forma de Divindade... manifestou-se de maneira tal que... embora as mesmas diretrizes retardadas, o FIO DE ARIADNE (como aquele do começo da raça ARIA ou de ARIES, «o Cordeiro»...), desdobrou-se de forma inexorável, e aqui estamos para escrever tais cousas. E finalmente, o TEATRO se ter transformado em Escola. E esta, em TEMPLO...

Sim, TEATRO, ESCOLA E TEMPLO, é a vida de tôdas as criaturas, que a bem dizer, para elas, serve a nossa de exemplo!...

E finalmente, chegou o dia da partida para GÔA, como possessão portuguesa. E onde também há um S. Lourenço de Gôa... Alguns dias são passados, e novamente um outro vapor nos conduzia para Calcutta, tocando em Ceilão, «a cidade de Lanka dirigida outrora pela deusa KUIVERA»... Mas daí em diante... tem a palavra o número 125 de Dhânânâ:

... E a viagem que foi realizada debaixo de mil peripécias, como será narrada um dia por quem de direito, não podia deixar de levar a comitiva ao Cairo, pois que a mesma foi feita através do Canal de Suez.

E portanto, visita também, «a mansão dos deuses», que é aquela onde se acham as famosas pirâmides e esfinge. Depois de vinte e quatro horas no referido lugar, etapa mais perigosa teve que ser vencida, ou seja, a do Mar de Omam, a caminho de Gôa. Em tal lugar, o casal que fazia parte da mesma comitiva, possuía um lar dos mais confortáveis e pitorescos. À beira do cáis, se achava postado o mordomo da família, de nome José Ramayana, o qual foi pela mesma criado e educado desde criança.

A primeira coisa que admirou o jovem herói de tamanha façanha, foi a maneira pela qual a cidade é calçada, pois que, os seixos vão rolando debaixo dos pés, à medida que se vai caminhando. Outras coisas mais interessantes, serão um dia narradas por aquele que for incumbido de semelhante trabalho.

Muitos anos depois, Henrique veiu a saber que, «em tal casa sua companheira fôra criada e educada». E que o quarto e leito onde o mesmo dormia, a ela pertenceram... Outrossim, «que todos os domingos ela depunha nos pés de uma estátua de Apolo, existente no jardim, braçadas de flôres». Domingo, como se sabe, é o dia do Sol, Apolo ou Hélios.

Também chegou ao seu conhecimento, que o amigo da família, com seu nome velado de Jean Dubonnet Beauville, pintor parisiense, «de olhos côr do céu e cabelos loiros» batendo nos ombros, ou «cortados à nazarino», além de ter sido professor de música, pintura, línguas, etc., da «jovem desaparecida», era o mesmo a quem o cel. Henry Steel Olcott, companheiro de Helena Petrovna Blavatsky, tanto elogiara a sua angelical figura, além de cognominá-lo de «o adépto de Pondcherri». Os cuidados pelo mesmo dispensados ao «adulescente das 16 primaveras», até hoje são conservados no escrínio do seu coração, como «gemas preciosas».

Tempos depois, a comitiva teve que deixar tão místico quão querido lugar, pois que, a data para a mesma se encontrar no Norte da Índia estava muito próxima.

Uma embarcação de pequeno calado estava encostada a beira do cáis, para levar a comitiva fôra da barra, onde se encontrava o «Indian Prince».

Era uma manhã de céu azul, que se refletia na superfície das águas, de permeio com as silhuetas ondulantes, das árvores plantadas à beira do cáis. Neste, achava-se uma «sra. de porte de rainha», sustentada pelo mordomo José Ramayana. Seus olhos estavam rasos de lágrimas...

Jé afastada a embarcação, caminho à barra, um lenço branco continuava a acenar, num último adeus aos membros da comitiva, principalmente ao jovem, a quem ela se acostumara a amar como filho, fazendo as vezes daquela que ficara na Bahia, zelando pelo esposo, a sua cabeceira...

Tal sra. outra não era, senão a baroneza Helena da Silva Neves, esposa do sr. Barão Henrique Antunes da Silva Neves, o «ancião das longas barbas», que, a bem dizer, era o chefe da referida comitiva.

Depois de longa e penosíssima viagem, onde não faltou, sequer, uma séria tempestade nas proximidades de Gôa, pois em tal época do ano, o Mar de Omam se torna revolto. E a comitiva esteve durante três dias prisioneira em seu próprio camarote. E isto, no tempo em que a navegação a vapor ainda se achava em grande atraso; a luz elétrica era substituída por castiçais de metal amarelo sustentando uma grossa vela, a marcar compasso, acompanhando o jogo do navio, péssimo divertimento a que se dedicava o jovem Henrique, que nem sequer se apercebia que, ao acompanhar êle mes-

mo, com a cabeça o referido movimento, aumentava o enjôo...; a primeira classe equivalia à uma terceira de hoje. E esta, por sua vez, levava os passageiros, sem conforto algum, dormindo quase ao ar-livre, comendo em bacias de folha, tendo por talher uma simples colher de estanho. Entretanto, nos dias de sol, cantavam, dansavam, sentiam-se felizes com a sua sorte... Muito mais, por saberem que em pouco tempo estariam no lugar para onde se dirigiam, e portanto, livres dos perigos e dos sofrimentos passados em viagem. O que não podiam saber, como não o sabe nenhum ser humano, o que lhe reserva de bom ou mau, o futuro, vivendo de esperanças, que muitas vezes se desfazem como «castelos de cartas» ou a fumaça de um mísero cigarro... Mas, entre tais passageiros não faltavam os «ledores da buena-dicha», que era um grupo de ciganos. E que em viagem só tomavam parte nos folguedos, principalmente nos dias de sol, ou então nos domingos. Não lhes era permitido vir à primeira classe, como não o é a nenhum passageiro de terceira classe, a não ser quando o navio parado em qualquer porto. Finalmente, o Indian Prince chegava a Colombo, capital de Ceilão, num dia azulado, a cidade em festa, por sinal que um domingo, dia do Sol ou de Apolo...

Já há dias estava sendo comemorada a derrota do gigante Ravana, cruel tirano que imperava nessa mesma ilha (Lanka). Tal gigante apoderara-se à força de Sitá, esposa de Rama. Pelo que se vê, trata-se de uma lenda quase idêntica, tanto à do mitológico Perseu salvando Andrômeda das garras do dragão, estando ela mesma acorrentada à porta do seu palácio, como à cristã de S. Jorge, que em nada difere da primeira. Semelhante festa interessa mais de perto aos Kshatryas ou guerreiros. E é dedicada a Rama Techandra, o grande herói do poema Ramáyana.

Algo, porém, atraía a atenção do jovem Henrique, era a limpidez com que se apresentam as águas do mar em torno da referida ilha, a ponto de serem vistos os enôrmes peixes de um vermelho quase escarlate, mesclado de amarelo-oiro — que a bem dizer, é uma ampliação fidedigna dos peixinhos que já conhecemos nas cascatas existentes nos jardins e parques do Ocidente — todos eles a bordejarem uns após outros quando não aos grupos, outras vezes aos pares. E os menores, como se fossem verdadeiras crianças, a fazerem piruetas em busca um do outro... Tudo isto e muito mais ainda concorria para distrair o jovem Henrique, tendo sempre ao lado os seus dois companheiros de viagem, mesmo que, a cada passo o comandante do Indian Prince procurasse conversar com o «ancião das longas barbas brancas», sôbre assuntos que, a bem dizer, pouco lhe interessavam...

Mas, eis que seus olhos, defrontando-se com duas figuras exóticas postadas à beira do cáis, obrigaram-no a proferir as seguintes palavras: «Vejam só que dois sujeitos feios! O grande, mais parece um cachorro, devido às suas enormes orelhas e o rosto alongado para a frente como se fosse o focinho!... E o outro baixinho, redondo, de pés pequeninos, que mais pareciam os de um cabrito, com aqueles cabelos negros lisos, à guisa de crina de cavalo, caídos apenas para o lado esquerdo!... Mas suas palavras foram cortadas pelas do «ancião das longas barbas»; — «Dentro em breve Você saberá quem são aqueles dois Sêres estranhos, que o obrigaram a uma crítica muito natural à sua idade»...

O fato, porém, é que ao soar o terceiro apito lan-

gado da sirene do Indian Prince, os dois referidos Sêres rumaram para bordo. O bater dos pés do mais baixo e arredondado, uma espécie de «Sancho Pança ao lado de D. Quixote», mais se assemelhava a de duas castanholas de encontro ao pontilhão, onde o vapor se achava atracado... Uma gargalhada explodiu de modo irreverente... De outra bôca não poderia ser, senão, da do jovem Henrique. Os outros dois ao seu lado, contentaram-se a esboçar um simples sorriso de canto de lábios, para não desgostar ao «herói de semelhante façanha»...

E ninguém os viu durante a viagem. Tinha-se a impressão — ao menos o mais jovem da comitiva — de que os mesmos procuravam fugir do humano convívio... Quando, porém, muitos dias depois, o Indian Prince chegou a Calcuttá, capital das Índias inglesas, eles foram novamente vistos, sem contudo se reunirem à comitiva. Esta, por sua vez, ocupando três carrinhos puxados por número idêntico de indivíduos, que mais pareciam chineses do que indús, e aos solavancos, num calçamento a calhaus, em vez de paralelepípedos, parou diante de um hotel de primeira classe. Aos olhos inquietos do jovem Henrique, não passaram despercebidos dois corvos encarapitados numa árvore que ficava fronteira à porta do hotel. E isto o obrigou a fazer uma careta de nojo... que foi presentida pelo «Personagem de cabelos loiros e olhos azuis», que foi logo dizendo: «Não se espante com tais aves pois que «em seu país, os urubús proliferam por tôda a parte, inclusive em cima dos telhados». Diante de tamanha verdade, o jovem também sorriu e os três foram ocupar um quarto de tamanho regular, que ficava no andar superior. Se fosse nos tempos que correm, seria considerado como dos mais sórdidos... Tudo na vida não passa de estados de consciência. Algo que foi bom outrora, passa depois a péssimo. Porém, verdade seja dita, que muitas coisas de hoje seriam desprezadas outrora, como indignas e até, criminosas... E muita gente as acha magnificas!

Por muitos motivos, foi preferido o bairro oriental, em vez do europeu. E assim, as «comodidades» não eram levadas em conta.

Que dizer, por exemplo, de um banheiro esquisito, com uma torneira enorme; um buraco triangular na parede externa, com vestígios claros de pousada daquelas aves empoleiradas do lado de fóra? O fato é que o banho teve o mesmo papel que teria hoje num apartamento de luxo.

Para o pouco tempo que a comitiva devia ficar em Calcuttá, tal hotel era magnífico.

O tempo foi muito bem empregado, seja em passeios para divertir o jovem Henrique, seja em assuntos que se prendiam ao resto da viagem até ao Norte da Índia. Quanto aos passeios, servia de «cicerone», o seu amigo de «cabelos loiros e olhos azuis». Ele ia explicando tudo com uma paciência e carinho dignos de um pai extremoso.

Nas ruas sujas e esburacadas do bairro oriental, não era raro encontrar os famosos domadores de serpentes. As «najas» saindo dos céstos onde vivem aprisionadas, maneando a cabeça ornada de duas grandes orelhas, (ou «capelos») de acôrdo com o ritmo da flauta de bambú monotonamente soprada por esses seres estranhos, quase todos shivaitas ou adeptos do deus Shiva, a cujos templos vão levar diáriamente o fruto de semelhante trabalho...

Para um desses templos, chamado Ikkerei, se des-

loca tôda a população, e até os turistas, afim de apreciarem, antes de tudo, a dança das «pequeninas virgens floridas», destinadas a serem, em breve, esposas da divindade. Reunidas em círculos, dansam e cantam, embora que tal dança não seja mais do que um andar vagaroso e solene. Batem compasso com uns paus apropriados e, de quando em vez, dobram o corpo como que na intenção de se sentarem. Uma das virgens prolonga e eleva o cântico, que as companheiras acompanham, proferindo: Cole-Cole! em verdade, referindo-se à deusa Kali.

Também se realiza uma festa — nos bairros mais afastados — cuja dança principal, Kurumba, faz-nos lembrar os exóticos seres que habitam a Nilguiria, com o nome de Mulukurumbas, dos quais H. P. Blavatsky faz um estudo longo, em seu livro «Aux Pays des Montagnes Bleus» (Nilguiria quer dizer «Montanhas azuis»). Um dos tempos de dança de maior interesse, é aquele em que um dos figurantes, sentado no chão com a maior quietude e aparente insensibilidade, recostado no chão no cranio completamente despido de cabelos, um numero respeitável de côcos duros, despídos da substância fibrosa externa. Quando eramos crianças, tivemos ocasião de apreciar algo idêntico, numa festa que o Clube Inglês na Bahia, ofereceu à tripulação de alguns navios britânicos ancorados no porto da mesma cidade. A agilidade dos marinheiros que se prestavam a esse esporte mais do que estúpido, era enorme. Raramente o côco ia ter na cabeça dos mesmos, pois que, metidos em barricadas, recolhiam rapidamente a cabeça para dentro. Com certeza, semelhante esporte teve a sua origem na dança indú denominada Kurumba.

Certa vez, num desses repetidos passeios para alegrar o jovem Henrique, os dois foram ter à praça principal do bairro oriental, onde um grupo enorme de pessoas, na maioria turistas, se achava em volta de algo que só pôde ser visto quando os mesmos chegaram às primeiras filas: um faquir esquelético, com os olhos saltando das órbitas, coberto de pó e moscas, ali se encontrava, envolvido em pesadas correntes, uma delas ligando-o a um poste mais acima da sua cabeça. Fazia muitos anos que o mesmo vivia naquele lugar e posição!... Coisa incrível para um ocidental, no entanto, a maior das realidades! Notava-se o espanto de quantos o cercavam, principalmente por parte das senhoras. No chão, vultoso número de moedas atiradas pelos assistentes...

Mais adiante, um outro faquir com um braço suspenso e a mão fechada, a unha do dedo médio aparecia do outro lado, isto é, na face dorsal...

O jovem adolescente que só conhecia tais coisas através de livros, na sua maioria adulterados, por especulações comerciais, compreendeu que tudo quanto lera estava longe de ser a realidade.

Certa vez que os dois inseparáveis amigos (pois o terceiro nem sempre podia estar presente), se distanciaram da cidade, indo ter a uma colina das mais agradáveis, deram de frente com um quadro digno de ser aqui apontado: Um asceta ou coisa que o valha, de frente para uma espécie de caverna feita na rocha, parecia estar em franco êxtase ou «samadhi», como se chama na India. Outras pessoas, assentadas na vegetação que cercava o lugar, esperavam a sua hora. A razão daquilo foi logo explicada pelo ser dos «olhos azuis e cabelos loiros»: Naquela espécie de caverna viveu durante muitos anos, em meditação, e na mesma posição em que se acha aquele iogui, um asceta, que era alimentado por um outro, altas horas da noite».

E' crença em tôda essa região, e até em outras mais distantes que ficar na mesma posição, no referido lugar, em meditação (qual acontece com «o muro das lamentações»), o ovo aurico das pessoas se enche das vibrações do «santo homem» que ali viveu durante tanto tempo...

Finalmente, na véspera da partida para o Norte da India, a comitiva teve que fazer uma visita a um brâmane ilustre. A recepção foi a mais condigna possível. Entretanto quando chegou o momento de certa discussão a respeito dessa mesma viagem, o «adepto de Pondcherri», o amigo inseparável do jovem Henrique, aconselhou-o com brandura, a que fosse para a varanda da casa apreciar a rua, onde se passavam coisas mais próprias da sua idade...

Como é de costume na India, os membros da comitiva foram cercados das maiores gentilezas, no momento da partida, quer da parte do casal proprietário do hotel, quer dos seus auxiliares, até, dos vizinhos laterais e fronteiros... Um jovem quasi da mesma idade de Henrique, sempre que o via fazia-lhe muitas festas, mas... só por gestos se compreendiam, devido suas linguas serem diferentes. Quando o mesmo Henrique o abraçou e dirigiu um adeus seguido de outras palavras, que foram traduzidas pelo mesmo sêr que raramente o largava, seus olhos tomaram um brilho diferente. Duas lágrimas estavam prontas a deslizar pela face abaixo... E ambos ficaram bastante comovidos. Poucos dias apenas de amistoso convívio, chegaram para que aquela alma vibratil, filha de uma terra até hoje incompreendida pelos ocidentais sofresse a ausência de um amigo que nem sequer sabia a sua lingua!

Semelhante viagem, e em tal época, foi das mais penosas. Baldeações e mais baldeações. Pequenos trechos a pé; outros, em veículos puxados por «cavalos humanos»; quando não, num costado de elefante, sacudindo mais que o Indian Prince, sobre as ondas revoltas do Mar de Omam ou do Oceano Indico. Vários lugares e cidades foram visitados, além do mais, por força de circunstâncias sendo que os principais, Allahabad, onde residiu e findou seus dias o conhecido prócer do movimento teosófico blavatskyano, e autor de O Mundo Oculto, Budismo Esotérico, etc. Mr. Alfred Percy Sinnet. Delhi, uma cidade cheia de encantos e maravilhas, mas hoje, um mixto oriental e ocidental, devido às grandes reformas por que tem passado, dentre elas, os inestéticos arranha-céus, (embora que reduzidos), repudiados por todo homem sensato... Na cidade de Simllah, na encosta do Himalaia, foi de tôdas essas cidades indianas, onde mais se demorou a comitiva. Tal como Srinagar, Simllah se acha estreitamente ligada à Obra em que a S.T.B. está empenhada. No seu arquivo figuram diversas mensagens com o timbre de certa Fraternidade ali existente. Do mesmo modo que os rituais a que se sujeitou o jovem Henrique em ambas essas Fraternidades, que não pôdem ser trazidos para o mundo profano.

Nos arredores desta cidade (de Simllah) num verdadeiro «retiro privado», teve que ficar o jovem Henrique antes do ritual por que tinha de passar em Srinagar, de muito maior importância... Ficou sob a guarda de respeitável Gurú, ao qual daremos o nome de Kadir. A iniciação por que devia passar Henrique, ao lado de semelhante Sêr, fazia parte da mesma «maya-budista», que o obrigou a não voltar ao seio da sua família, com o «desaparecimento» da jovem a quem dedicára o seu primeiro e verdadeiro amor na vida. E onde está, entretanto, a parte principal de tão miste-

prostar-se de joelhos e beijar-lhe as mãos, no que foi obstado docemente pelo santo Homem. «Coragem, meu filho. A hora é chegada»... E a comitiva partiu. Na primeira curva o jovem procurou olhar para trás, afim de dizer adeus ao seu «Mestre querido». Este se achava de joelhos, em atitude de quem orava. Os raios do sol batendo em cheio na sua face, concorriam para aumentar o valor de um quadro bem digno do «artista» que fazia parte da mesma comitiva: «O Adepto de Pondcherri», por outro nome, Mr. Jean Dubonnet Beauville, nomes estes, entretanto, que ocultavam um outro... de excelsa magnitude.

No trecho final da viagem, os dois Sêres estranhos, até então sumidos da vista de todos, achavam-se no banco fronteiro do vagão onde os mesmos viajavam.

E só se manifestaram, quando o jovem proferiu estas palavras, devido à parada do trem para ser removida uma barreira caída no leito da linha: «Tudo na vida tem um obstáculo a ser vencido. Nesta viagem quantos já se manifestaram? Uma tempestade no Mar de Oman. Agora essa barreira. Mais adiante, outras coisas»... Um sorriso, que foi revelado mais pelas sobranças do que pelo canto dos lábios; um resmungar rouquenho, em bom português, como tão bem se explicava o santo homem de Simllah, eis a aprovação que tiveram semelhantes palavras... A linguagem daqueles dois Sêres, não deixou de causar estranheza ao «jovem adolescente».

E o jovem que se sentia contrafeito até àquele momento com o silêncio e a atitude esfingética dos dois referidos Sêres, mesmo que, a contemplar de perto as suas disparidades frenológicas e as do resto do corpo, podesse respirar com maior desafogo... Talvez que, advinhando êles os pensamentos do jovem Henrique, desviaram a vista para a janela do vagão, como quem procura devassar o horizonte imenso, principalmente, quando êste se apresentava, nas grandes retas sem árvores, sem outros obstáculos para a visão de quantos admiravam as lindas paisagens que se desenrolam naquelas regiões próximas ao gigante de granito, sempre coberto de neve, que se chama Himalaia.

Ao deixar a comitiva a gare da estrada de ferro, a mesma foi ter à uma grande praça, cercada de residências, quasi tôdas com janelas dando para uma varanda de madeira, pintada de verde. Enquanto a cidade, tôda cheia de lagos, faz recordar a itálica Veneza. Acolá, nos fundos, um grande Templo erguido na encosta do mesmo Himalaia, conhecido nas escrituras orientais, como «Monte Merú», quando êste, em verdade, é o nome da ponta que apareceu no primeiro continente.

A cidade, como aconteceu em Ceilão, estava tôda engalanada. Músicas, bailadeiras, um vozerio ensurdecedor de gentes de tôda a classe, filhos do lugar uns, enquanto outros, de longinquas paragens, dentre êles, tibetanos, mongóis, chineses, etc.

Estas coisas tão estranhas à educação ocidental do pequeno Henrique, concorriam para mais uma vez se arrependar dessa «fuga espetacular» atrás de uma jovem desaparecida repentinamente (mas, por motivos que... muitos anos depois êle veio a conhecê-los)... E pela qual cometeu semelhante loucura... Adivinhando o que se passava no seu cérebro, tanto o «Ancião das longas barbas», como o dos «cabelos loiros e dos olhos azuis» quase proferiram a **una voce**: «Lembre-se que tudo isso não foi mais do que um sonho, para se tornar em breve, uma realidade. Estamos no fim da

jornada. Mais algum tempo e estará de volta ao seio da sua família, herói entre os heróis... Dia virá em que se lembrará de tudo isso com uma saudade imensa, mixto de dôr e alegria. Já então terá a plena certeza de quem é. E o que veio fazer neste mundo»...

Estas palavras concorreram para alegrar e animar o «jovem adolescente das 16 primaveras» pois que, desde então, o ambiente se tornou mais alegre diante dos seus olhos.

Eis quando, afastando-se de uma fonte existente do lado direito da referida praça, onde não faltavam, como numa outra de GÔA, os dois tradicionais «golfinhos» (simbólicos de **Piscis** ou Peixes no seu **Aquarium** ou Aquário), uma espécie de «samaritana», trazendo no ombro um púcaro de barro contendo água, colocou-se diante da comitiva, oferecendo-o ao que lhe parecia o mais velho de todos, ou seja, «o Ancião das longas barbas». Êste, porém, recusando tal gentileza, pediu à rapariga que a prodigalizasse em primeiro lugar ao mais jovem do grupo, pois, com um calor tão intenso, devia ser êle o que mais sede tivesse naquele momento. E a mesma aproximando-se do jovem, com um sorriso delicado, curvou-se para a frente e colocou o bico do púcaro em seus lábios, com extrema delicadeza... O mesmo, todo enfiado, sorveu alguns góles do precioso líquido, agradecendo em português, o que foi logo traduzido para a lingua páli, pelo «adepto de Pondcherri», como o chamou o Cel. Olcott. A seguir, fez o mesmo com os demais da comitiva, sempre na esperança de estar obedecendo a várias jerarquias. Antes que ela se aproximasse dos «dois Sêres estranhos», êstes fizeram um sinal negativo com a mão, como quem diz, «que êles para viverem não precisavam nem de água, nem de alimentos»... Si non e vero e bene trovato...

E a comitiva dirigiu-se para uma casa amiga onde ia ficar hospedada até chegar o momento de dar ingresso naquele maravilhoso Templo postado alguns metros mais adiante. E que, por suas belezas exteriores, poder-se-ia avaliar o que seria interiormente...

Banho, refeição e repouso, eis aí o que todos careciam naquele momento, principalmente o jovem Henrique. Depois de tudo isso, lá para as 19 horas, ou seja, ao entardecer, que naquelas altitudes e época se prolonga pela noite a dentro, o mesmo «Adepto» convidou-o a chegar à janela de seu próprio quarto, afim de admirar as festas que se realizavam ainda na referida praça, por todos os recantos da «cidade sagrada», com seu precioso e iniciático nome de SRINAGAR.

Um quadro deslumbrante apresentou-se diante dos olhos do jovem, pois que, aquele ruído multisonante, não cessava de fustigar-lhe os ouvidos, enquanto esteve ocupado com as referidas exigências de após tão longa, quão estafante viagem.

Flôres, lanternas acêsas, tapetes dependurados nas janelas das casas. Uma multidão imensa que tôda a praça mal podia conter... Do lado esquerdo, um grande e riquíssimo palanque estava armado. Nele se achava o Maharajá de Cachemira, senhor de grandes domínios, em companhia dos da sua côrte. Tudo isto era explicado pelo amigo inseparável do jovem Henrique, de maneira delicada e paciente. O Maharajá era o tipo do Rajaputana (raça solar), ventruado, cheio de comendas, espada curva à cinta, barbas separadas ao meio, à guisa de signo de **Piscis**. Num riquíssimo turbante de seda branca, bem por cima da fronte (ou do 3.º Olho, «o olho de Shiva», como é chamado na Índia) estava cravada enorme e raríssima esmeralda.

O Maharajá de Cachemira, pai do atual, se é que este ainda existe, era um dos maiores protetores do Budismo do Norte.

Havia três dias que a cidade comemorava o aniversário de Krishna, cuja festa tem o nome de **Manm-chstami**.

Perto do templo, diversas «devadassis» (bailadeiras ou «esposas dos deuses», como o são do Cristo, as freiras e as irmãs de caridade), trazendo jóias da cabeça aos pés, nestes, figurando em seu redor, um colar de guizos, a tilintarem suavemente, como «campainhas astrais» — ao compasso ritmado da dansa. Nos cabelos, entre delicadas jóias, um raminho de flôres naturais, excessivamente aromáticas, como sejam: o «zalóis», o «champins», etc. A dansa obedece a ondulações graciosas, movimentos ritmicos, acompanhando as pancadas da «murdanga» (tamborim), do «tales» (pratos de metal) e também do «sorangui», uma espécie de rabeca, cujo acompanhamento é apropriado ao canto melodioso das bailadeiras.

E o mesmo personagem que serviu de mestre nas artes, nas linguas e em outras coisas mais, à jovem que ficára atrás, sabem os Deuses onde... tudo ia explicando ao seu amiguinho: «Preste atenção, dizia êle, quantas vezes se repete as silabas ri, pa, ni, sá, etc. Pois bem, as sete notas da gama musical, que conhecemos por DÓ, RÉ, MI, FA, SOL, LÁ, SI, têm os nomes pãlis (lingua falada nas visinhanças do Everest, e que substituiu a antiga lingua sagrada, que foi o sânscrito), SA, RÍ, GÁ, MÁ, PA, DÁ, NI, Juntando-se os nomes das sete notas, formam uma palavra, coisa que no Ocidente não acontece. E tal palavra quer dizer: «o canto do Sol e dos seus veículos (isto é, os sete astros. E isto, porque, formando uma oitava ou repetição de SÁ, de fato, é todo um sistema planetário: o Sol central ou 8.º e os sete astros em seu redor). Assim, repetir-se as notas RI (ou Ré), PÁ (ou Sol), NI (ou Si) e SÁ (ou Dó), forma-se uma outra palavra, que é o BIJA do canto, e que tem, portanto, a vibração correspondente à evocação que se faz no momento. O resto... não se diz para o mundo profano. E sim, completamente nós, «para discipulos adiantados, como em nosso Colégio Iniciático, que não seriam capazes de fazer mau uso de semelhantes ensinamentos. E isto, de acôrdo com o «Margaritas ante porcus», não atireis pérolas aos porcos». Como exemplo, basta citar o «mau uso que se faz da energia atômica», ao invés de a aplicar em beneficio dos seres humanos, etc.

E as festas se prolongaram pela noite... O éco daquele multi-sonante e fantástico ruído se propagava por todos os recantos da cidade indo chocar-se com os primeiros contrafortes do Everest. E tinha-se a impressão de que o mesmo voltava aos ouvidos de quantos apreciavam semelhante festa. Por dentro e por fora, o grande Templo se achava iluminado.

Dias depois, teve início a festa chamada **Nag-Panchami**, ou «festa das serpentes», nome que faz jus ao da própria cidade, ou seja Srinagar. (Sri - Senhor - e Nagar ou Naga - Serpente, mas com o sentido de «Senhores da Sabedoria»). E que é, também, dedicada a Krishna. A comitiva não pôde assistir a semelhante festa, justamente por já se achar no Templo, onde se realizava o mais transcendente de todos os rituais... Semelhante Templo se comunica com o Tibete, por meio de galerias subterrâneas...

Nos fins de Setembro, a comitiva ainda no referido Templo, (o jovem tinha completado a 15 desse mês, as

suas 16 primaveras), outras festas estavam sendo realizadas, dentre estas, a dos côcos, em comemoração a **Varuna**, «o deus das águas». Tal solenidade tem o nome **Narial-purnuma**. Grandes rituais são levados a efeito, em relação com as águas, sejam do mar ou do rio, dependendo dos lugares onde as mesmas são realizadas.

Por sua vez em Janeiro, quando o Sol entra no signo de Capricórnio, são celebradas as festas que comecem pelo **Basant-Pancami**. E que está ligado ao ano comercial.

Não podemos deixar de entrar em alguns detalhes, a respeito de Srinagar, seu Templo principal e arredores:

A comitiva que, como se viu, não tocou na famosa Lahore, com suas velhas cidades circunvizinhas e quasi tôdas de templos subterrâneos — devido o fato da mesma se desviar para o lado do oeste de Simllah — foi diretamente à Cachemira, onde reinou um dia o filho do rei Assoca, ou melhor, a sua cidade principal, que é Srinagar, pois era para esta que a mesma comitiva se destinava.

Alguns dias antes da comitiva dar ingresso no Templo procurou visitar certos lugares interessantes da região, inclusive o famoso «Trôno de Salomão», que se acha postado no topo da Montanha Sagrada. Neste lugar existia um templo budista, que foi destruído por indús revoltados ou seja a luta havida entre brâmanes e budistas. Ainda são vistas as suas ruínas, que dizem bem das riquezas internas e externas de tão suntuoso templo.

Não deixou por sua vez, de ser visitada a cidade de Leh, capital de Ladack, que diz «ter sido aquela onde nasceu Gessar Khan». Do mesmo modo, que o Maharajá era descendente do referido guerreiro. Nesta cidade existe um túmulo que era venerado como sendo de **Iss**, ou melhor, como o de **Jesus**. E venerado pelas pessoas do lugar. O escritor sueco Nicholas Roerick, ao mesmo se refere em sua obra **El Corazon de Asia**. E um reporter do «Correio da Manhã», que do mesmo falou de modo mais detalhado. Em certa ocasião, a comitiva visitando as rochas e ermidas dos arredores de Leh, teve ocasião de se deparar, em uma delas, com a figura de um gigantesco Lião, que os nativos afirmam até hoje «representar o mesmo guerreiro». O fato é que, uma figura idêntica que as várias expedições da S. T. B. a S. Tomé das Létrás, e outras expedições anteriores, encontraram no referido lugar, nada tem de comum com o guerreiro nascido no Norte da Índia. Refere-se, sim, a uma Fraternidade ou Mosteiro, de tempos afastados da História, no alto da colina, que até hoje tem o nome de «Pico do Lião». O «Lião» é simbolo da Força e do Poder, como o indica o arcano 11 Mas também, é signo de Sol, que não exprime, apenas, o «astro-rei», cuja fonte de energia é a que mantém o nosso globo e tudo quanto nele existe. Exprime, também, as excelsas vibrações emanadas do Sol espiritual, que tem o nome de **SURYA**, cujo último raio ou sétimo chamado **SVARAJ**, se identifica com a nossa própria Obra.

Em Leh, perto do templo de Buda e de Dukkar, à «Mãe do Mundo», (a Divina Mãe), ergue-se um templo primorosamente decorado, e que à mesma deusa é dedicado. Tal como em Chigat-sé, no Tibete, próximo a Tjigad-jé, até há bem pouco, chamado «retiro privado do Trachi-Lama», numa espécie de claustro, existem formosos frescos murais, com sete Bodhisattvas cujo último é **Maitreya**. Este, como no referido mosteiro-

ro tibetano, tem a face branca, para provar que «virá do Ocidente». Donde se lhe dar o nome de «Buda Branco do Ocidente». E por trás do trôno, figura uma grande Ferradura — símbolo de Kalki avatara ou Cavalo Branco.

Este templo se acha ornado de um modo todo diferente dos outros. «E nele transpira a idéia de algo que se aproxima a passos agigantados, na razão de um novo ciclo para o mundo». Maitreya e Shamballah! são nomes repetidos em quasi tôdas as bôcas. E as tradições vêm de longinquas distâncias como se se dissesse, da Mongólia exterior, atravessando todo o Deserto de Gobi, atingindo o Tibete, propriamente dito, e finalmente o Norte da Índia.

Os pintores e escultores dessa região como do Tibete, já ao mesmo Pe. Huc assombraram, como êle próprio o afirmou na sua obra *Dans le Thibet*, por sina' que, se extasiando diante da obra prima de um escultor a quem êle pediu para fazer a ampliação de um Cristo crucificado. E que o mesmo, juntamente com o Pe. Gabet, seu companheiro de viagens, levaram para a França, depois de ter realizado essas mesmas viagens, às quais êle deu os seguintes nomes: *Dans le Thibet, Dans le Tartarie, Dans la Chine*.

A comitiva, por sua vez, teve ocasião de assistir à reprodução em gesso da fisionomia do «jovem adolescente» para servir de modelo à imagem de um Buda, que, segundo veio a saber a mesma comitiva, iria figurar, futuramente, num *Templo tibetano*...

Debaixo de uma tenda armada na rua, exímio pintor completava uma tela dedicada a outro Buda. Quem mais se extasiou diante de semelhante obra-prima, foi «o insigne pintor francês Jean Dubonnet Beauville, o homem dos cabelos loiros e olhos azuis». E razão bastante tinha êle para isso...

Não falemos nos ensinamentos ministrados em semelhantes mosteiros, sejam do Norte da Índia ou do Tibete. Neste, por exemplo, o mais famoso, é o de Kumbum. Tais ensinamentos aí se dividem em 4 classes: 1.ª, a Faculdade mística, que abraça as regras da vida contemplativa e os exemplos encerrados nas vidas dos santos budistas; 2.ª, a Faculdade de liturgia compreende o estudo das cerimônias religiosas, com a explicação de tudo quanto serve ao culto lamaico; 3.ª, a Faculdade de medicina, tendo por escopo principal, o conhecimento propedeutico e terapêutico das quatrocentas e quarenta doenças a que está sujeito o corpo humano; 4.ª, enfim, a Faculdade das preces. Esta última é a mais estimada, a melhor retribuída, e por conseguinte, a que reúne o maior número de estudantes.

Um cristão, não conhecedor do estudo comparado entre as diversas religiões do mundo, levaria tudo isso para o ridículo. No entanto, se ao folhear o Dicionário da Língua Portuguesa, de Frei Domingos Vieira, procurar ler as referências do mesmo autor, ao Budismo, ficará assombrado, principalmente quando diz: «No Cristianismo existem vários traços do Budismo na sua formação».

E o mesmo Rev. Huc, quando afirma que «o Budismo anterior 650 anos ao Cristianismo, no entanto, nos seus rituais já empregava a mitra, a croça, o turbulo, o pálio, etc», dando a entender com isso que foi o segundo e não o primeiro, que copiou tôdas essas cousas do outro. Em resumo, na literatura indú, inclusive no Vishnú-Purana, são encontrados vários indícios a respeito de uma Era Nova, cercada de um avátara salvador da humanidade; algo ainda a respeito da ci-

dade sagrada de Kalapa, que tanto se refere à Agartha como à Shamballah, das quais nos temos ocupado inúmeras vezes. Dos esforços dos Arhats, de século em século, para despertar o espírito adormecido da humanidade. Do mesmo modo as Doutrinas dos Grandes Mahatmas, onde as profundezas do Esoterismo chegam ao auge. Em sânscrito, em indú, em chinês, em turco, nas línguas calmuca, mongólica e tibetana e em outras muitas asiáticas menores, são expressas as mesmas idéias a respeito do futuro.

Na mesma doutrina fundamental de Buda, vemos por exemplo, «uma serpente de ferro circundando a terra». E que transportando a Humanidade, trabalha a seu favôr, é uma evidente referência às futuras estradas de ferro. Do mesmo modo que, os pássaros também de ferro, que vôam, em referência aos aviões.

Em indicações sobre a vida nas estrelas e nas alusões aos diversos estados da existência humana, podem ser reconhecidos os problemas, que a ciência confirma gradualmente, da vida nos planetas, das descobertas do mundo astral, tudo quanto, em resumo, já deixou de servir de ridículo.

Na mesma razão, quando Jesus aplicava a frase aramaica, que no latino equivale ao *Noli me tangere*, isto é «Não me toques», procurando defender seu ambiente ou «ôvo aurico», das influências más de outros indivíduos, outra cousa não era sinão, a teoria da vibração, neste caso, «magnetismo pessoal», que tanto pode ser bom como mau, na razão dos pensamentos e atos de cada individuo, seja nesta ou em anteriores encarnações, pouco importando a descrença da maioria, das duas sábias leis da Reencarnação e Karma.

Temos outro exemplo frisante do que acabamos de anunciar, que é a passagem conhecida da Bíblia, onde o mesmo Jesus faz ver a um dos seus discípulos que «não devia assentar-se numa pedra, donde acabava de se levantar um leproso». Todos comentam esta passagem no sentido grosseiro ou «da letra que mata», ao invés do «espírito que vivifica». Não se tratava de um leproso físico ou atacado de semelhante doença, mas portador de mau magnetismo; um ovo aurico repleto de larvas ou micróbios astrais, criados por uma vida desregrada, etc. Sim, porque, ao verdadeiro leproso, no sentido patológico, Êle beijou a face, como exemplo edificante aos mesmos discípulos.

A higiene física é, de fato, uma necessidade. Não menos, porém, a higiene moral, psíquica, e se o quizerem, espiritual, para que esta parte mais elevada de cada individuo não sofra o menor prejuizo.

Os ioguis na Índia, não admitem que ninguém «passe na sua sombra». Alguns chamam a isto de fanatismo. Mas, a razão continua sendo a mesma de Jesus, porquanto, a sombra ou silhueta de cada individuo, está na razão, maior ou menor, do seu ovo aurico ou ambiente astral, embora que êste se ache subordinado a outros veículos de natureza mais elevada. Tais seres chegam ao ponto de evitar que as mulheres se aproximem deles, quando atravessando o periodo mensal (lunar ou catamenial). De longe, reconhecem o referido periodo, afastando-se delicadamente para outras bandas.

Como as criaturas, os objetos, as plantas, os animais, etc. todos, sem exceção alguma, possuem bom ou mau magnetismo, de acôrdo com as vibrações que deles emanam. As teorias outrora consideradas como das mais absurdas, são hoje postas em prática, algumas delas, por infelicidade, contra a vida do globo terres-

tre e os seres que nele habitam, segundo foi dito anteriormente.

Emmanuel Swedemborg, o grande Teósofo que viveu nos anos de 1688 a 1772, já afirmava que, «a lei mais essencial da Natureza, é a da vibração. Um ponto morto, um ponto imóvel, é absolutamente impossível dentro do nosso sistema. Os movimentos sutis que chamamos de vibrações ou ondas, os mais vagarosos, que chamamos de oscilações, as trajetórias dos planetas que chamamos de órbitas, as épocas da História que conhecemos como ciclos, tudo é um movimento ondulatorio, cíclico de ondas no ar, no eter, na água, na aura, na terra, por nebulosas, pensamentos, emoções de todo o imaginável».

E' verdadeiramente curioso ver as relações que unem as antiquíssimas tradições védicas com os novos conceitos de Einstein. Mas, no entanto, não se deve esquecer que o mesmo Buda tendo vivido para depurar decadentes e corrompidas formas de cultura, deu prodigiosos ensinamentos a respeito das sutis Energias Cósmicas. Não ensinou, entretanto, que se as devesse usar em detrimento, do próximo, prejudicando mesmo a evolução geral do mundo e os seres que no mesmo habitam. Não faz muito tempo, que se descobriu nos arredores de Karacri e Lahore, ruínas de antigas cidades de 5.000 a 6.000 anos de existência, manifestações palpáveis de avançada cultura indiana. Tal cultura faz lembrar a dos Sumérios e Elamitas. Nas referidas ruínas foram encontrados inúmeros cilindros idênticos aos de Babilônia, cuja decifração revelará dentro em breve, uma literatura ainda ignorada. A não ser por tais descobertas relativamente recentes, a glória medieval do Indostão daria a impressão de haver terminado alguns séculos apenas antes de nossa era. As palavras das lendas e escrituras antigas vinham como do espaço desconhecido, porém, semelhantes descobertas deram motivo para se reconhecer a realidade da Sabedoria Iniciática das Idades. À luz dessas pedras milenares podemos começar a julgar melhor dos informes de Platão a respeito da ruína de Poseidonis, que a bem dizer, não passa de misero fortim abandonado no meio do atlântico. Porisso mesmo, recordação insofismável do grande continente que possuía êsse mesmo nome.

Mas... deixemos a outro — no devido tempo — a descrição detalhada do que foi semelhante viagem, sem esquecer as ilustrações que à mesma dizem respeito.

O leitor inteligente logo compreenderá a razão de não ser ao autor deste mesmo trabalho a quem devia caber semelhante esforço.

Para terminar:

Com isso se prova o motivo pelo qual a S.T.B. — com o seu primitivo e oriental nome DHĀRANĀ, que seu órgão oficial ainda conserva em sua homenagem, ter estado sob a jurisdição espiritual das «Confrarias Budistas do Norte da Índia e do Oeste do Tibet». E logo a seguir, tivesse recebido a conhecida Saudação do Oriente, tantas vezes transcrita nesta revista, inclusive no segundo trabalho do presente número de «O Luzeiro».

Outrossim, que o Budismo do Sul (em Cellão, onde primeiro esteve a comitiva), com o nome **Hyna-Yana** ou «pequena Barca de Salvação». E o do Norte, por sua vez, **Maha-Yana** ou «Grande Barca de Salvação», como foi dito anteriormente e talvez, de semelhantes termos a Igreja tivesse copiado o de «Barca de S. Pedro» para a mesma, sinão, ainda, do termo

egípcio «Barca de Osiris», dizíamos, não podiam deixar de estar ligados estreitamente aos destinos de nossa Obra...

Pelo que se vê, SRINAGAR é o ALPHA dessa mesma Obra, e SÃO LOURENÇO o Omega.

E com isso, desde aquela época (1909 ou começo do século XX, como anunciou Blavatsky, na Introdução da sua Doutrina Secreta), o Oriente se fundiu no Ocidente, realizando-se, finalmente, a esperança do Trachi-Lama, no seu «Retiro Privado» de Tjigad-jé, através de diversas tentativas fracassadas, pois que, «as forças do Mal» nunca deixaram de dar combate sem trégua, às «Forças do Bem», que são aquelas que concorrem para a evolução da todos os seres da Terra.

Com isto, também, realizada foi a sibilina profecia da Serra de Sintra, que mais uma vez transcrevemos neste periodico, embora lhe faltando algumas palavras arruinadas pelo tempo:

Sib... Vatican... Occidiis...
 Volventur saxa litteris et ordine rectis
 Cum videris Oriens, Occidens opes
 Ganges Indus erit mirabile visu
 Messis... commutabit sua uterque sibi...

Tradução:

Patente me farei aos do Ocidente
 Quando a porta se abrir lá do Oriente.
 Será coisa pasmosa quando o Indo,
 Quando o Ganges trocar, segundo vejo
 Seus espirituais efeitos com o Tejo.

Depois de termos cumprido tudo aquilo que a Lei exigiu de nós, apresentou-se o momento de voltarmos à capital baiana (a Cidade do Salvador), ao nosso lar, onde havíamos deixado os nossos pais numa situação tão angustiada...

E assim o mesmo que aconteceu a Helena Blavatsky, ao voltar do convívio dos Mestres do Oriente, seu pai interpelá-la: «onde esteve durante tanto tempo?» e ela respondeu: «Venho do convívio dos Mestres de Sabedoria», assim também, quando Henrique desceu de bordo, seguido de perto por um «amigo», seu avô, que estava à sua espera, recebeu-o grosseiramente com estas palavras, na presença de passageiros e demais pessoas postadas nos cais: «Que bonito papel fez o sr. deixando seu pai em cima da cama, passando mal, e sua mãe, que por ele velava, só faltou morrer de desespero por não saber onde o sr. se achava!» Mas, não pode terminar as suas palavras, porque o jovem percebendo no olhar de todos, um sorriso de ridículo pelo «fujão», que acabava de chegar de bordo, por sua vez, disse o seguinte: — Desculpe-me, mas o sr. já tem idade bastante para agir de outro modo, pois deve saber muito bem, que, «quem tem vergonha, não envergonha os outros»... Todos ficaram espantados com essa resposta. Mas, o avô de Henrique, foi quem da mesma não gostando, retrucou asperamente a seu neto: «Malcriado!...» — Sim «malcriado», respondeu o jovem. Mas o que está dito, fica dito... E apressando os passos, procurou apanhar um bonde que vinha passando naquele momento. E tomou lugar ao lado de alguém de «sobrecenho carregado», que vinha conservando uma certa distância. Seu avô que assistira

a «manobra», tomou lugar num banco mais atrás. Não devia ter gostado, entretanto, de sua passagem ter sido paga por aquele que se achava ao lado do neto. Entretanto, pertencente a uma Ordem, como era também seu filho, o pai de Henrique, tanto um coño outro, estavam mais ou menos ao par do acontecido. E foi este o principal motivo da recepção não ser feita de outro modo...

Tempos depois, estando o mesmo acamado, seu neto foi visitá-lo. Este gesto foi recebido com o maior carinho possível, como prova bastante de que o jovem não havia conservado nenhum ressentimento. Outras visitas foram feitas, quer devido a doença quer por simples gentileza, e o velho acabou tendo uma estima muito grande ao seu neto. Elogiava-o onde quer que estivesse.

Mas, é preciso contar o que foi a recepção na casa paterna: um abraço do jovem Henrique no seu «companheiro de viagem». Ao dar entrada em casa, seu irmão mais velho, de nome Antonio — que se diga de passagem, foi o maior auxiliar nessa fuga mais do que «espetacular», pois, se no começo tinha visos apenas de «revista», logo a seguir transformou-se em «tragédia»... — dizíamos, atirou-se em seus braços banhado em lágrimas. Os demais parentes, principalmente sua mãe, encontravam-se nas janelas. A velha sra. cobriu-o de beijos, como se fora ainda criança. — Meu filho, disse ela, que fez você? Quase matou sua mãe de susto e de saudades... Seu pai, que se conservava sentado em uma cadeira, ainda fraco da doença que o prostara no leito por tanto tempo, nem sequer ousou lançar um olhar para o filho que tivera semelhante procedimento. — Sua benção meu pai. Como vai o sr? Já está melhor? Não pense o sr. e mamãe que me esqueci de ambos. Não cometi nenhum crime. Amanhã ou depois, contar-lhes-ei tudo. Durante dois dias, seu pai manteve-se em silêncio, mas, o jovem fingindo que estava olhando para outras bandas, via-o

contemplar a sua fisionomia, como quem se sente feliz por possuir um filho capaz de realizar semelhante «façanha»...

Acontece, porém, que sendo a família muito religiosa e de grandes recursos, as costumeiras intrigas dos «jesuitas», logo se deram através de um sacerdote amigo da família: — Este pequeno precisa ser metido no seminário. Depois do que fez deve passar por um corretivo. Além disso, tal recurso poderá despertar-lhe a vocação de sacerdote de Cristo. Estes e outros conselhos eram dados à mãe de Henrique, que acabou, cedendo mesmo que seu espôso fosse contrário... E assim, o jovem foi metido no Seminário de Santa Tereza, onde ficou durante dois anos. E a seguir, continuou os estudos de acôrdo com a sua própria Missão. Quanto ao resto, fala tudo quanto foi feito até o momento atual: O TEATRO, de fato, transformou-se em ESCOLA, que outra não foi, no começo, sinão, Dhâranã, depois, Sociedade Teosófica Brasileira, pois até hoje aí se aprende o que faz parte dos Ensinamentos (ou antes, Revelações do Novo Ciclo, da Era de Aquário, etc.). E quanto ao Templo, lá está Ele na Vila Canaã, em S. Lourenço, iluminado todas as noites, das Ave-Marias às 22 horas... conservando o Misterio do SANTO GRAAL. Por isso mesmo, TEMPLO dedicado à PAZ UNIVERSAL, ao mesmo tempo que, à todas as religiões do mundo... (2)

Res non verba.

(1) No entanto, por este mesmo periódico pretendemos mais adiante fazer uma publicação mais desenvolvida e com as respectivas ilustrações.

(2) As iniciais S. T. B. da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, também se prestam para expressar estes dois outros Nomes: SUBLIME TEMPLO BRASILEIRO e SRINAGAR TEMPLO BUDISTA — O Autor.



VALIOSOS DOCUMENTOS QUE ATESTAM A "MISSÃO Y"

H. J. SOUZA

«Felizes daqueles que não viram e crêram» — Jesus.

«Sim, porque infelizes daquêles que viram e não crêram». — H. J. S.

VINTE E NOVE ANOS de realizações produtivas a favor da «MISSÃO Y», Nome este que lhe foi dado por seu proprio CHEFE ou DIRIGENTE — bastariam para firmar na Terra os excelsos valores da sua ORIGEM DIVINA!

No entanto, para aqueles que lêem mas não compreendem, por suas vidas absorverem as formas sensoriais da sua propria INDIVIDUALIDADE — termo este que difere do de PERSONALIDADE — pois que a Essencia Divina ou Espiritual é Quem individualiza o sêr humano. E a Alma quem Lhe dá a PERSONALIDADE, como prova a sua propria etimologia, isto é, PERSONA (ou Per-sona) «aquilo através do qual o SOM, que é o proprio Espirito ou Sôpro Divino, se manifesta». Repetimos, para tais «pessôas» — mesmo que irrefutaveis os nossos DOCUMENTOS, é provavel que não sejam eles bastantes. Desse modo, não é para esses que nos dêmos a semelhante trabalho. E sim, para os devotados às cousas do Espirito, pois só estes nos podem compreender... Só estes são capazes de conservar na Mente e no Coração, a Santidade e Pureza de nossas Palavras, como o maior de todos os Tesouros que lhes poderemos oferecer na hora final de um ciclo, onde todas as criaturas têm o dever de fazer a devida escolha entre o Bem e o Mal, ou sejam os Dois Caminhos da Divina Comedia de Dante: o da *diritta* (ou direita) para o Paraiso Celeste (ou o da Divina escolha) e o da *smarrita* (ou esquerda), para o Paraiso Infernal (ou da material ou «infernai» escolha), sobre cujo Portal se liam as ameaçadoras palavras: «LASCIA TE OGNI SPERANZA O VOI CH'ENTRATE».

Apresentemos, pois, os nossos insofismaveis DOCUMENTOS QUE ATESTAM A MISSÃO Y:

Começemos pela sibilina Profecia da SERRA DE CINTRA. E que de estarem gastas pela ruina do tempo, algumas palavras, no entanto, são faceis de serem completadas:

«Sib... Vaticin... Occidiis...
Volventur saxa litteris et ordine rectis
Cum videris Oriens, Occidens opes
Ganges Indus erit mirabilis visu
Messis... commutabit sua uterque sibi...

Tradução completa: —

Patente me farei aos do Ocidente
Quando a porta se abrir lá do Oriente.
Será cousa pasmosa quando Indo,
Quando o Ganges trocar, segundo vejo
Seus espirituais efeitos com o Tejo».

COMENTARIOS

H.P. Blavatsky teve ocasião de dizer na introdução da sua Doutrina Secreta que, «um outro virá do Oriente, no começo do seculo XX para completar aquilo que a mim mesmo não foi dado realizar». A tradu-

ção, entretanto, que fizeram das suas palavras, embora dizendo a mesma cousa, não interpretou o sentido integral do que a mesma teve ocasião de dizer.

Por sua vez, o Conde de S. Germano quando da sua ultima aparição na Terra (perdôe-se a linguagem...), ao referir-se ao «Fim do ciclo para começo de outro», teve estas palavras:

«É o gradual decreto dos tempos; o prenuncio do fim do ciclo... Vejo-o claramente. Astronomos e historiadores nada sabem. Deviam ter estudado, como eu nas Pirâmides. Muito há ali para se aprender; já não falo das profecias que elas trazem em seu seio... No fim do seculo (sic), desaparecerei do OCIDENTE, para volver no começo do outro, do ORIENTE. Esta será a minha NOVA OBRA! Dito isto, os dois discipulos do Conde deixaram por alguns momentos a estancia, bastante comovidos com aquelas misteriosas palavras... Então, repentinamente, começou a chover e a trovejar, como se a abóboda celeste quizesse vir abaixo...! Quando os dois discipulos voltaram ao laboratorio para se recolherem da chuva, o Mestre havia desaparecido».

Falemos um pouco a nosso próprio respeito:

Com a leitura do primeiro artigo do numero atual de O LUZEIRO, dedicado ao 54º aniversario construtivo de nossa Obra, já o leitor interessado em nossas palavras, estará ao par do que foi, em sintese, A NOSSA VIAGEM AO ORIENTE, tocando primeiro em Lisboa, para depois, seguirmos todo o itinerario por Lei exigido, que é aquele do roteiro que ilustra o supracitado trabalho (1).

Óra, se o autor deste trabalho, que é o mesmo da Viagem ao Norte da India foi primeiro à Lisboa, e em seguida dirigiu-se para a India, tocando em Gôa etc. E depois de ter realizado aquilo que a Lei exigia de si naquela idade («adolescente das 16 primaveras», termo que se dá aos Kumaras, pois foi em Srinagar que completou a referida idade). E da India volta para o Ocidente, no começo do seculo XX, havia realizado a profecia da Serra de Sintra. Sim, porque as aguas do Ganges, do Indo, etc. «troçavam os seus espirituais efeitos com as do TEJO». Fenômeno este de ordem ciclica, porque o historico coube a Diogo Alvares Correia (Portugal ou peninsula ibérica) e Catarina Paraguaçu, por sinal que, na mesma Ilha de Itaparica, onde aquela nascera. (2) E da raça autóctone, que foi a tupinambá. A Ilha de Itaparica, como se sabe, «foi reduto dos Tupinambás». Era a mesma Ilha Taberica de Nassau, termo este também ligado ao de TAB, TAG, etc. etc. Pelo que se vê, «a infusão racial entre iberos (ou ibéricos, se o quizerem) e tupis, tupinambás, etc. como raça autóctone, como foi dito anteriormente», donde surgiu a Raça Brasileira.

Realizada, pois, a sibilina Profecia da Serra de Sintra, com A NOSSA Viagem ao Norte da India.etc. como documento principal de quantos apresentamos no presente estudo, passemos agora aos iniciaticos Versos do poeta Augusto Ferreira Gomes, extrahidos de seu misterioso livro intitulado: O QUINTO IMPERIO:

«Ao noturno passado — fé crescente —
 erguendo olhos em sombras abismados,
 e fechando-os de novo marejados
 pelo sinal da névoa ainda ausente,
 todos sentem que a alma, em vão dormente,
 cisma com horizontes dilatados;
 e vivem a verdade de esperados
 dominios. E assim, abstractamente,
 se controí um Império ao pé do Mar,
 — sentido universal de um só altar —
 fundindo-se no céu imenso e aberto...
 gentes! esperai que Deus, com sua mão,
 desfaça para sempre a cerração
 que envolve há tanto tempo o Encoberto...
 «Quando dado o Sinal, o Império for
 e quando o OCIDENTE resurgir,
 no momento marcado hão-de tinir
 pelos ares as trombetas do Senhor.
 E haverá pelos céus, só paz e amor.
 UM SÓ CALIX DE OURO há-de fulgir,
 uma só cruz na terra há-de existir
 Sem inspirar receio nem temor...
 Será a hora estranha da Verdade.
 E morta a pompa do pagão sentido,
 Surgirá, então, A OUTRA IDADE.
 Acabará este viver incerto.
 Será o Império unico e unido
 Quando der o sinal o Encoberto!

Tais versos não careciam comentários, pois que estes, mesmo com o Dever que nos incumbe, dão a impressão de retirar o direito de raciocinar ao leitor inteligente, devido a clareza com que tais versos se apresentam: Sim, «quando o Ocidente resurgir»... E mais: «UM SÓ CALICE DE OIRO HÁ DE FULGIR». E finalmente se os demais trechos não bastassem... «surgirá, então, a outra Idade», que tanto vale dizer «UM FIM DE CICLO APODRECIDO E GASTO PARA O ALVORECER DE UM OUTRO PORTADOR DE MELHORES DIAS PARA O MUNDO», palavras bem nossas varias vezes empregadas em nossos artigos. Muito mais quando souber o leitor como terá ocasião de verificar, sem necessidade de visitar o nosso Templo, examinando um cliché onde é visto o mesmo CALICE DE OIRO LUZINDO sobre aquele «Altar», a que se refere o poeta, isto é, «sentido Universal de um só Altar», Sim, o direito de raciocinar, que traz a intuição — SEXTO ESTADO DE CONSCIENCIA, ou plano búdico, que todo homem evoluído possui. E portanto, não carece que outro «por ele pense ou raciocine». De fato, «esta OUTRA IDADE ou CICLO», raça, etc. é a mesma que concorrerá para que todos os homens possuam semelhante direito, e não como agora, que as consciencias divirjam, e com elas, a INTELIGENCIA.



Dois Cavaleiros da ORDEM DO SANTO GRAAL montam guarda ao CALICE DE OIRO «que contem o excelso Mistério de um ciclo que termina (Piscis), para outro que se aproxima (Aquarius), como prova, ainda, o simbolo que figura em ambas as Colunas do ALTAR (signo Aquarius do planeta Saturno). Por trás do misterioso CALICE figuram Dois Candelabros, cada um deles com sete velas, expressando os Elohim hebreus, que são os mesmos Arcanjos do Cristianismo, do mesmo modo que, os Dhyán-Chohans das tradições



trans-himalaias. A soma dos dois Candelabros sendo 14, vão mais alem em materia alegórica, pois, simbolizam «os 14 pedaços de Osiris» das tradições egipcias em busca dos quais andava à procura Isis, cujo ultimo foi encontrado no buxo de um PEIXE»... (3)

«Templo dedicado ao avatara AQUARIUS (APANADEVA ou «avatara aquatico», como é apontado nas teogonias orientais). Mas também à PAZ UNIVERSAL, e consequentemente, à todas as religiões do mundo, só poderia estar no Brasil, «como Terra do FOGO SAGRADO», como seu próprio nome a expressa. E isto porque, «o Brasil é o Santuario da Iniciação do gênero humano a caminho da sociedade (ou civilização) futura».

Por estas e outras muitas razões, que ai se vê uma JOVEM, fazendo o papel de SACERDOTIZA «ou mantenedora do Fogo Sagrado, no qual ela vai depositando os mais raros perfumes. Enquanto nos grandes rituais é cantado o mantran ou hino que vai abaixo, como tradução do sanscrito para o português. E musica do autor deste mesmo trabalho:

«Agni! Agni! Agni!
 FOGO SAGRADO! FOGO PURIFICADOR!
 Tu que dormes no lenho
 E que te elevas nas chamas
 Brilhantes no Altar!
 Tu és o Coração do Sacrificio,
 O Vôo audaz da oração !
 Centelha Divina que ardes
 Em todas as cousas,
 ALMA GLORIOSA DO SÓL!
 AGNI! AGNI! AGNI! AUM! (4)

FALA O ORIENTE

Logo a obra tomou forma objetiva através da Instituição que é sua Única Detentora no mundo. E isto, com o nome oriental (ou sanscrito) DHÂRANÂ que quer dizer: «o sumo contrôlo do Mental, do Pensamento ou da Inteligência», excelsa MENSAGEM nos veio do TIBETE, de certa FRATERNIDADE lamaista, cuja tradução para o nosso idioma (pela qual se pode verificar a forma poética e transcendente dos seus dizeres), é a seguinte::

«Salve Dhâranâ! rebento novo, mas vitalizado pela uberidade do TRONCO GIGANTESCO DONDE NASCESTE! Vieste do ORIENTE como uma RAMA EXTENSA florescer as mentes dos FILHOS DESTE PAÍS GRANDIOSO, que já tiveram a dita de ouvir o cantar mavioso da Ave canôra, que lhes segreda internamente, AMOR A TODOS OS SERES. Os teus triunfos já são cantados em melodiosas estrofes no GRANDE CONCERTO UNIVERSAL DA CADEIA SETENARIA, porque Tu, excelsa Potencia criada por teus próprios esforços, começaste a dar crescimento nas tuas poderosas hastes às folhagens verdejantes, onde amarelados frutos serão colhidos por todos aqueles que se acham famintos e perdidos na NEGRA FLORESTA DA VIDA. E assim, com as côres do PAVILHÃO DA PATRIA de teus Filhos, também Tu, Dhâranâ terás o Teu Hino glorioso cantado pelos Querubins que adejam em torno da SILHUETA MAGESTOSA do Supremo Instrutor do Mundo!»

COMENTARIOS

Diante de tanta clareza, seriam necessarios tais Comentarios? Revelemos, entretanto, o místico e maravilhoso sentido de todo o texto da referida Mensagem, embora que, os mais secretos só possam entendê-los, os Membros mais adiantados de nosso COLEGIO INICIATICO. Sim, como Escola (ou Colegio), Teatro e Templo:

Antes de mais nada, tal Mensagem anuncia que «O Oriente faz entrega ao Ocidente — por ter concluído seu ciclo espiritual, a favor da Evolução Humana e a este competir, agora, semelhante papel — do Bastão de comando de semelhante INCUMBENCIA, perante a Lei, perante a Divindade.» Poder-se-ia também chamar a tal fenômeno de «fusão entre o Oriente e o Ocidente», de acordo com aquela sibilina Profecia da SERRA DE SINTRA, isto é, «as aguas do Ganges do Indo, trocando os seus espirituais efeitos com o Tejo». E as deste, por sua vez, «com as da Baía de todos os Santos» (incluindo Itaparica). E a seguir, com as da incomparavel GUANABARA. Quanto aos Rios bem BRASILEIROS, em primeiro lugar, o AMAZONAS, cujo fenômeno das «Pororocas», ou do «encontro das aguas desse mesmo Rio com as do mar», se torna idêntico — na mais sublime de tôdas as alegorias — com a supracitada Profecia da Serra de Sintra; do mesmo modo que, com a Saudação ou Mensagem que nos veio do Oriente.

«Florescer as mentes dos Filhos deste País Grandioso» (que é o Brasil), tanto vale por nosso papel, nossa Missão de «salvar o maior número possível de brasileiros, mas também, «de americanos do Sul» (e do Norte, cujos Maiores Elementos, conosco trabalham...), de todos, enfim, quantos no mundo sejam atraídos para semelhante Missão, Obra ou Movimento cultural-espi-

ritualista. Com outras palavras, «de renovar todas as consciências sedentas de Luz». Sim, porque são justamente aquelas — como diz a Saudação, «que já ouviram o cantar mavioso da Ave Canora que lhes segreda internamente (à Consciência, portanto), Amor a todos os seres». Sim, «os nossos Triunfos — que já vêm de outras vidas ou encarnações — são cantados (ou descritos) em melodiosas estrofes no Grande Concerto Universal da Cadêia Setenaria (da Evolução da Mônada), porque, de fato, nossos esforços representam «uma POTENCIA, tanto material, como moral e espiritual». E assim, começamos a dar crescimento nas nossas poderosas hastes, às folhagens verdejantes onde amarelados frutos serão colhidos «por todos aqueles que se acham famintos e perdidos na negra floresta da vida (que outra não é, sinão, aquela «selva selvagem» da «Divina Comédia», de Dante, ou seja, a da IGNORANCIA em que vive a maioria dos homens...). E assim, «com tais côres (das folhagens verdejantes, onde amarelados frutos, etc), que são as do PAVILHÃO NACIONAL, obtivemos (ou tivemos, se o quiserem) o nosso glorioso HINO cantado pelos Querubins que adejam em torno da Silhueta magestosa do Supremo Instrutor do Mundo, ou seja: o avatara ciclico, Maitreya, Mitra-Deva, Apavanadeva, o Nome que expresse a sua atual Manifestação na Terra. Sim, porque a Ele foi dedicado o nosso Templo em São Lourenço, ou seja o Lugar onde o mesmo por 3 vezes se manifestou, em 1921 (21 anos depois de ambos terem estado na Ilha de Itaparica, a bem dizer, «embrião da futura raça ou civilização, como Berço histórico, que também é, do POVO BRASILEIRO»).

Perguntamos ao leitor: Poderá haver uma Saudação mais bela, mais sublime, mais expressiva para honrar os nossos proprios esforços, honrando, também, o nosso querido BRASIL?

Coloquemo-nos, pois, de joelhos, diante do Altar de nossa Missão, colocando-nos diante do Altar do BRASIL, pois que este «é o Santuario da iniciação do gênero humano, a caminho da sociedade futura».

Passam-se os tempos, e então, Dhâranâ (nome oriental) passa a chamar-se: SOCIEDADE TEOSOFICA BRASILEIRA (nome ocidental). Do mesmo modo que, «os fenômenos de ordem psiquica do seu começo (como na vida de todos os Grandes Iniciados, inclusive de Jesus, o Cristo) passam para os da Palavra, VERBO ou LOGOS».

STB! Srinagar Templo Budista! SUBLIME TEMPLO BRASILEIRO! SOCIEDADE TEOSOFICA BRASILEIRA! Sim, Oriente e Ocidente! Alfa e Ômega! da Missão Y, também chamada dos SETE RAIOS DE LUZ! (5)

Falemos, agora, de um outro documento de valor, que toma «vida e forma» na Ilustre Figura de um INSPIRADO, e conseqüentemente, um PROFETA. Trata-se do grande escritor patricio Dr. Professor Anibal Vaz de Melo, autor das maravilhosas obras SINAIOS DOS TEMPOS e ERA DO AQUARIO, que por si sós, servem para atestar a Grandeza material, moral e intelectual da Missão Y! Que se poderá dizer das outras duas ainda no prélo, intituladas O EVANGELHO À LUZ DA ASTROLOGIA, que o proprio autor a considera «como sua obra-prima» e todos que a lerem se convencerão de tamanha Verdade? Do mesmo modo, de APOCALIPSE CONTEMPORANEO, onde o grande

Inspirado patricio fala do papel da America no ciclo futuro abordando, também, o atual da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, como detentora Unica da Missão Y?

Quem já teve o privilégio de lêr as duas primeiras obras apontadas, compreende que as nossas palavras estão muito longe, ainda, de expressarem o grande valor que as mesmas possuem. E assim, poderão avaliar o que serão as outras duas futuras. . . Aguardémo-las, também, como novos e irrefutáveis documentos que virão aumentar o valor daqueles que hoje apresentamos aos nossos ilustres e queridos leitores de O LUZEIRO. Honra ao Merito. Honra Àqueles que dedicaram a sua vida ao Bem da Humanidade!

Falta, porém, citar o nome insigne de um grande e mavioso poeta patricio, que é o Meritissimo Juiz Dr. Faustino do Nascimento, por sua vez, um Inspirado, um Profeta na extensão da palavra. De seu maravilhoso livro de poesias — RITMOS DO NOVO CONTINENTE, figura aquela que, mais uma vez, procuramos ligar ao nosso Movimento, e ao mesmo tempo, prestar homenagens ao seu dignissimo autor. O leitor que — por sua vez — procure compreender o verdadeiro sentido que lhe quiz dar o intuído e mavioso poeta Dr. Faustino do Nascimento:

COLOMBO

O oceano era o reino das trevas envolto em mistérios
[e lendas.
Que nauta teria a coragem de abrir-lhe roteiros e sendas?
— *Em meio à descrença de todos, com ânimo forte e*
[confiante,
Colombo aparece, pregando a existência de um mundo
[distante.
(Os gênios têm sempre sofrido o combate do vulgo
[inconsciente).
Vencendo o motejo e a maldade dos néscios, Colombo
[confia
Na fé que remove montanhas, no ideal luminoso que
[o guia...

Não era a conquista de ignotas riquezas a sua ambição.
Não era o desejo de pôr-se ao serviço de estranha nação.
Não era a cobiça dos bens de fortuna que a tantos atrái.
Não era somente a intenção de atingir à famosa Catái.
— *Era algo mais alto que agia na mente do descobridor.*
Esse algo era o sonho! E cobriu-se de glória o imortal

[sonhador!...
A glória é a vitória de um sonho, se o sonho é a obsessão de
[uma idéia.
Quem visa a conquista de um sonho, não teme nenhuma
[odisséia...
E o sonho cumpriu-se: com "Pinta", com "Niña" e com
[Santa Maria"]
Viajam a Fé, a Confiança e o Destino, em perfeita harmonia.

Viaja a Consciência, em procura de luz, de paz, de
[liberdade,
Afim de apontar um caminho melhor à pobre
[humanidade...
Viajava o Idealismo ao encontro de ambiente à sua
[vocação.
Viajava o moderno argonauta, em demanda do novo
[Tosão...
— *E a terra, qual Cólquida antiga, surgiu das entranhas*
[do mar,
Contendo tesouros que o Velo da lenda não pôde
[abrigar...
Contendo os tesouros da concórdia humana e da
[democracia,
A que o Novo Mundo, cumprindo um destino, se
[devotaria,
Afim de fazer do Novo Continente o refúgio sagrado
Das nobres conquistas que o espírito humano alcançou
[no passado.

HOMENAGEM A COLOMBO

Sim, como diz o insigne poeta patricio Dr. Faustino do Nascimento— «Colombo confia na fé que remove montanhas, no Ideal luminoso que o guia», porque sendo Ele um Iluminado, um agartino, um verdadeiro cristos (seu nome o diz: CHRISTOFERENS COLUMBUS, «Aquele que carrega ou traz consigo o CRISTO. E quanto a Colombo, columbus, columba, etc. é a pomba do Espirito Santo, à qual Ele saudava na sua sigla) apelava para os seus próprios dedos, que são CINCO como os de todas as criaturas da Terra, que também representam os cinco sentidos, estreitamente ligados com os CINCO TATTVAS ou «forças sutis da natureza» (Akasha ou Eter, Vayú ou Ar, Tejas ou Fogo, Apas ou Agua e Prithivi ou terra, mas no sentido de materia). Assim também, o cumarico (de Kumara) Pedro Alvares CABRAL, que de saber quem era colocou no seu BRAZÃO, três capritos (capris, capricornio, Kumara, etc). E assim... foi o completador de semelhante Trabalho, isto é, serviu de «codicilo a tão Espiritual Testamento». Descoberto O NOVO MUNDO, a AMERICA ou continente Patala de Arjuna, segundo as tradições orientais, aparecia a Terra do Fogo Sagrado, ou da BRASA, que é o BRASIL... para depois então, virem Aqueles a quem estava confiada a Direção da MISSÃO Y. Sim, os chamados GEMEOS ESPIRITUAIS, Helios e Selene, Castor e Pollux; os nomes que lhes quizerem dar, mas em verdade, HENRIQUE e HELENA. A Ilha de Itaparica — onde já se tinham encontrado Diogo Alvares Corrêa e Catarina Paraguaçu — não podia deixar de ser o Lugar escolhido para semelhante encontro...

Raciocinemos um pouco com Colombo: A Terra não podia ser esferica, nem ter os movimentos que se lhe atribuía, se possuísse apenas QUATRO CONTINENTES, como se conhecia naquela epoca. Com quatro continentes, teria a forma OVAL e não esferica, mais uma vez o dizemos. Que fez ele, e ninguem o compreendeu até hoje: tomou de um ovo, machucando a ponta mais fina para «que ele ficasse de pé»... Esta é a lenda, e prevalece como metade do misterio. A outra metade é: machucada a ponta mais fina do ÔVO, este tomou uma forma esferica, ou de uma BOLA...

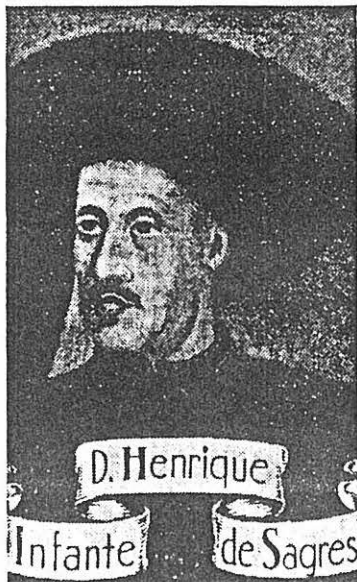
Eis a questão! De qualquer modo, o termo «ovo de Colombo» ficou até hoje para ser dito aqueles que de tudo duvidam, «sem conhecimento de causa», como agora mesmo pode acontecer com algum «cabeçudo» que ouse refutar semelhantes «Documentos» a favor da Missão em que estamos empenhados...

Já o grande descobridor da «lei da relatividade», que é EINSTEIN, teve ocasião de dizer, numa roda de cientistas, depois que se retirou um intruso de «cabeça grande», que não fez outra coisa, sinão, dizer asneiras: «Desta vez falhou «a lei da relatividade», pois nunca vi um homem de cabeça tão grande com uma intelligencia tão pequena». Tais palavras foram recebidas, como era natural, com estrepitosa gargalhada...

Daí, também, dizemos nós, chamar-se de «Cabeçudo» ao teimoso, ao que vive sempre a negar aquilo que não sabe, pois como dissemos em outros lugares, são aqueles que, depois de se convencerem dessas mesmas cousas, acabam dizendo: «ÔVO DE COLOMBO!» Quem desconhece um dos mais interessantes livros do inspirado JULIO VERNE, com o título: KERABAN, o Cabeçudo?... (6)

Desse modo, Honra a Colombo! Honra a Cabral! Honra à Missão Y!

PERÍ E CECÍ



Infante Henrique de Sagres, o grande navegador. Foi Ele o criador da sublime Epopéia Marítima de Portugal, cantada pelo gênio de Camões.

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Quando o Infante Henrique de Sagres «atravesou as fronteiras de Hercules» (Gibraltar) teve um grande «sobressalto» ao descobrir ao longe «a estatua de um Cavaleiro apontando para o OCIDENTE».

Nós hoje podemos dizer a razão de semelhante «sobressalto»: — aquela estatua não era mais do que um MARCO definidor do papel que ia ter — em breve — o OCIDENTE em substituição ao ORIENTE, na evolução humana. Assim, ao EX ORIENTE LUX! de Emmanuel Swedemborg, substituiria o EX OCCIDENTE LUX! DE I H S. E isto, através da «Missão Y».

Nenhuma duvida resta de que o INFANTE HENRIQUE DE SAGRES, além de navegador, era um ILUMINADO! (7)

Res non verba.....

LEIA

ASSINE E DIVULGUE

"O LUZEIRO"

No velho TEATRO S. JOÃO — onde Henrique e Helena se encontraram no ano 1899 — havia uma tēla enorme, do grande pintor sergipano, Horacio Hora, a qual representava «Perí e Ceci fugindo, não numa palmeira, como aponta o romance, mas numa piroga. E' a mesma que ilustra este trabalho. E nos foi enviada de Salvador, pelo querido Irmão e Amigo Dr. Jaddo Couto Maciel, já agora conhecido dos leitores deste periodico. Como se sabe, D. Antonio de Mariz, antes de lançar fogo no seu castelo, para não se entregar, tanto aos aventureiros como aos aimorés, batizou o índio amigo, fazendo-lhe entrega da sua filha Ceci, para que ele a levasse à Lisbôa (sempre Lisbôa...) à casa de seu filho D. DIOGO DE MARIZ, em verdade, o causador da revolta dos aimorés, pois que os aventureiros aproveitando-se de semelhante revolta queriam roubar Ceci. Já antes seu chefe a quiz raptar, e Peri sempre vigilante, proximo à sua senhora, lançou uma sēta na mão que estava prestes à tocá-la, frustrando o plano diabólico».

Pois bem, é esta a tēla diante da qual nos extasiavamos muitos anos depois do encontro com a nossa «companheira de Missão», quando o referido TEATRO nos estava arrendado. Horas inteiras passavamos admirando aquela tēla prodigiosa, que tanta semelhança tinha com a nossa História, do mesmo modo que a tem, a de Diogo Alvares Corrêa com Catarina Paraguaçu. Acontece, porém, que enquanto na Historia do Brasil, é o português quem casa com a índia, no romance é o índio quem se toma de amores pela portuguesa.

Muitas pessoas ilustres ignoram que «O Guarani» foi completado por outro escritor que soube muito bem imitar o estilo de José de Alencar. O romance tem o nome O LICENCIADO. Peri cumpre o que prometera a D. Antonio de Mariz, fazendo entrega de Ceci aos seus parentes. Estes não permitem, entretanto, que Peri deles se afaste. Peri é educado como filho. E acaba por se fazer um LICENCIADO ou medico. E o romance... termina como devia terminar: Peri casando com Ceci.

O nome do autor de «O Licenciado» não nos acode à memoria. Mas basta, procurar o romance pelo titulo. Sabemos, entretanto, que se trata de eminente professor baiano.

Já agora tem-se a impressão de que o grande artista sergipano, Horacio Hora, trocando a palmeira pela «piroga», fazia, por sua vez, questão que Peri conduzisse Ceci até o litoral (coisa que não poderia acontecer com a palmeira...) E tomando um navio fosse ter à Lisbôa. E sua idéia mais que genial, encontrou eco no referido escritor baiano, o qual, por sua vez, meditando sobre aquele final de O Guarani — «E a palmeira sumio no horizonte»... merecia um complemento mais auspicioso, mais apoteótico, por isso mesmo, digno de um José de Alencar. E até de um Carlos Gomes, que musicou o romance de maneira magistral. Magister, MESTRE ou MAESTRO, tanto vale.

Sim, O GUARANI também foi varias vezes representado no TEATRO S. JOÃO, inclusive o grande Compositor CARLOS GOMES — da gloriosa cidade paulistana que tem o nome de CAMPINAS — dirigindo a orquestra. Seu entusiasmo, dizem as crônicas teatrais — pelos musicos baianos, foi sem igual.

Outras peças classicas ali também foram levadas à cena. Até que o Teatro veio ter às nossas mãos. Nem podia deixar de ser assim. Para depois, então, ser reduzido à cinzas... As coisas sagradas não podem sobreviver à profanação.

O Teatro S. João desapareceu no mesmo mês em que a Obra nasceu! Misterio, Enigma, porém, Grande Revelação!...



PERÍ E CECÍ»

Esta copia da preciosa tēla do famoso pintor sergipano Horacio Hora, foi feita pelo exímio fotografo baiano, mais conhecido por ZITO — o mesmo que fotografou o tēto da catedral baiana (Igreja do Salvador) — ambos esses trabalhos enviados pelo Dr. Jaddo Couto Maciel, ilustre membro da S.T.B. e da Secretaria da mesma Prefeitura, e já publicados na revista DHARANA n. 126: A famosa tēla de PERÍ e CECÍ, que hoje se acha no Arquivo da referida Prefeitura, foi franqueada para esse trabalho por S. Excia. o ex-Prefeito Dr. Aristides Milton da Silveira. Hoje o Prefeito daquela Municipalidade é o Dr. Oswaldo Gordilho, o mesmo que nos honrou, com diversos Documentos historicos da Cidade do Salvador, como foi noticiado, tanto neste periodico, na sua edição de Abril do corrente ano, como na revista Dhãranã, no seu ultimo numero.

A referida tēla de PERÍ e CECÍ figurava no salão nobre do TEATRO S. JOÃO, donde foi salva —

juntamente com o busto de Castro Alves — do incendio que o reduziu à cinzas na noite de 6 de Junho de 1923. Um grupo de bombeiros, com o risco da propria vida, arrancou das chamas, as duas preciosas reliquias que, com o carinho e respeito que merecem, figuram, justamente, no Museu daquela Municipalidade.

MENSAGEM ENVIADA PELO PREFEITO MUNICIPAL DE S. LOURENÇO AO PRESIDENTE DA S. T. B., COMUNICANDO O SEU RECONHECIMENTO DE UTILIDADE PUBLICA.

PREFEITURA MUNICIPAL DE S. LOURENÇO

Em 24 de Junho de 1953

176/1953

Assunto - enviando cópia de lei autografada.

Senhor Presidente:

Tenho a honra de enviar a V. Excia., inclusa, cópia autografada da Lei Municipl n.º 172, sancionada em 16 do corrente mês, reconhecendo de utilidade publica a Sociedade Teosofica Brasileira, com séde na Cidade.

Ao ensejo dessa comunicação, apraz-me apresentar a V. Excia. e, pelo seu alto intermédio, à digna Sociedade, os meus cordiais protéstos de estima e consideração.

Ass: Dr. Emilio Abdon Póvoa, Prefeito Municipal

Ao Exmo. Sr. Prof. Henrique José de Souza, DD. Presidente da Sociedade Teosofica Brasileira.

Av. Getulio Vargas - Cidade.

EAP/SSN/

TEXTO DA LEI MUNICIPAL N.º 172

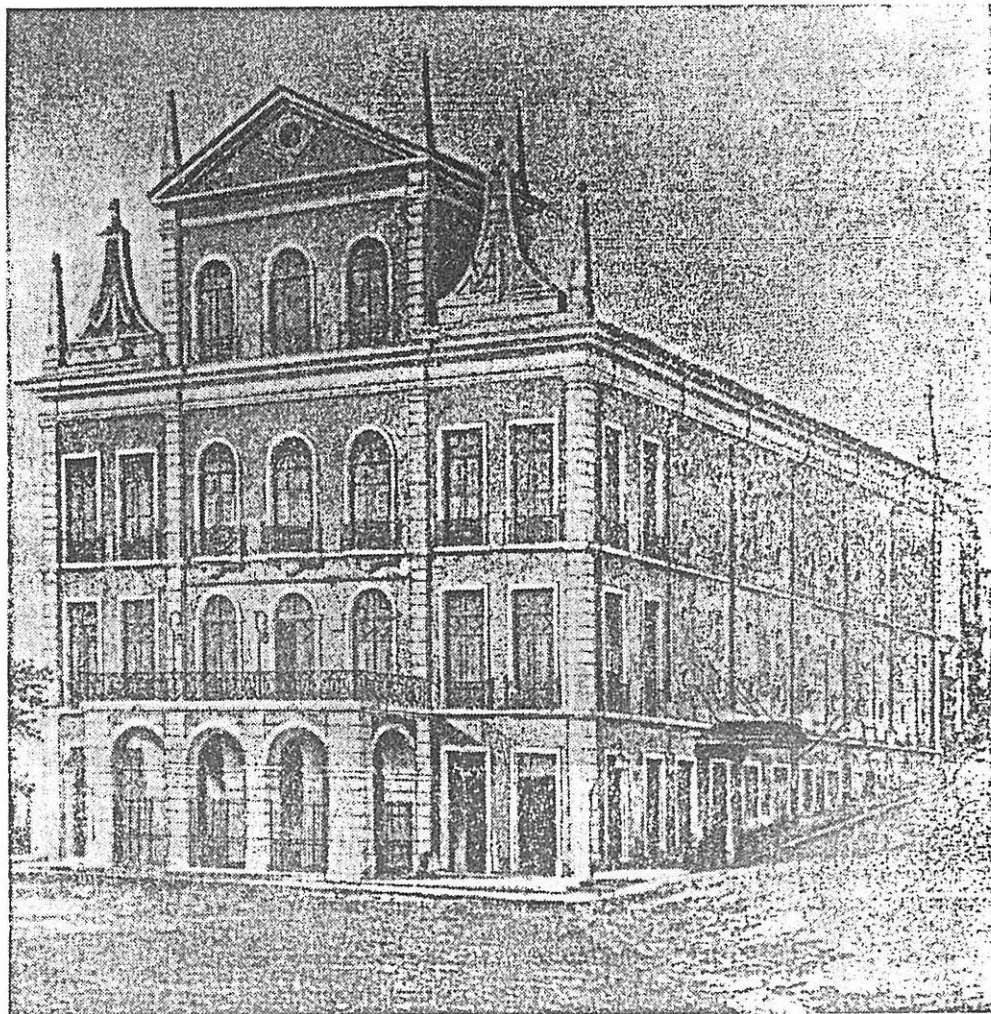
Artigo Único: É reconhecida de utilidade publica a Sociedade Teosofica Brasileira, com séde nesta Cidade.

Paragrafo Unico: Esta lei entra em vigor na data da sua publicação, revogando-se as disposições em contrario.

S. Lourenço, 28 de Maio de 1953

(a) Antonio Lourenço de Bittencourt Filho, Vereador.

TEATRO SÃO JOÃO



Serve de legenda ao tradicional Teatro S. João apenas a transcrição da noticia do seu incendio total na noite de 6 de Junho de 1923:

«ERAM RUINAS SAGRADAS

DEPOIS DO OPPROBIO, O INCENDIO CRIMINOSO!

O velho São João desapareceu esta noite em poucas horas.

O velho São João! Era das tradições antigas da cidade, como o primeiro TEMPLO DE ARTE aqui erguido, casarão secular ainda reboante das grandes vozes dos nossos poetas, Castro Alves sobrapceando a todos; dos nossos oradores, Nabuco, José do Patrocínio, Manoel Victorino e do maior de todos, Ruy; dos nossos escritores teatrais ou candidatos a isso, Agrario de Menezes à frente, dos nossos actores ou projectos deles, Xisto Bahia destacando-se entre elles.

Muitas noites de gloria, à luz das gambiarras, registram as chronicas de varias epochas; ruidosas ma-

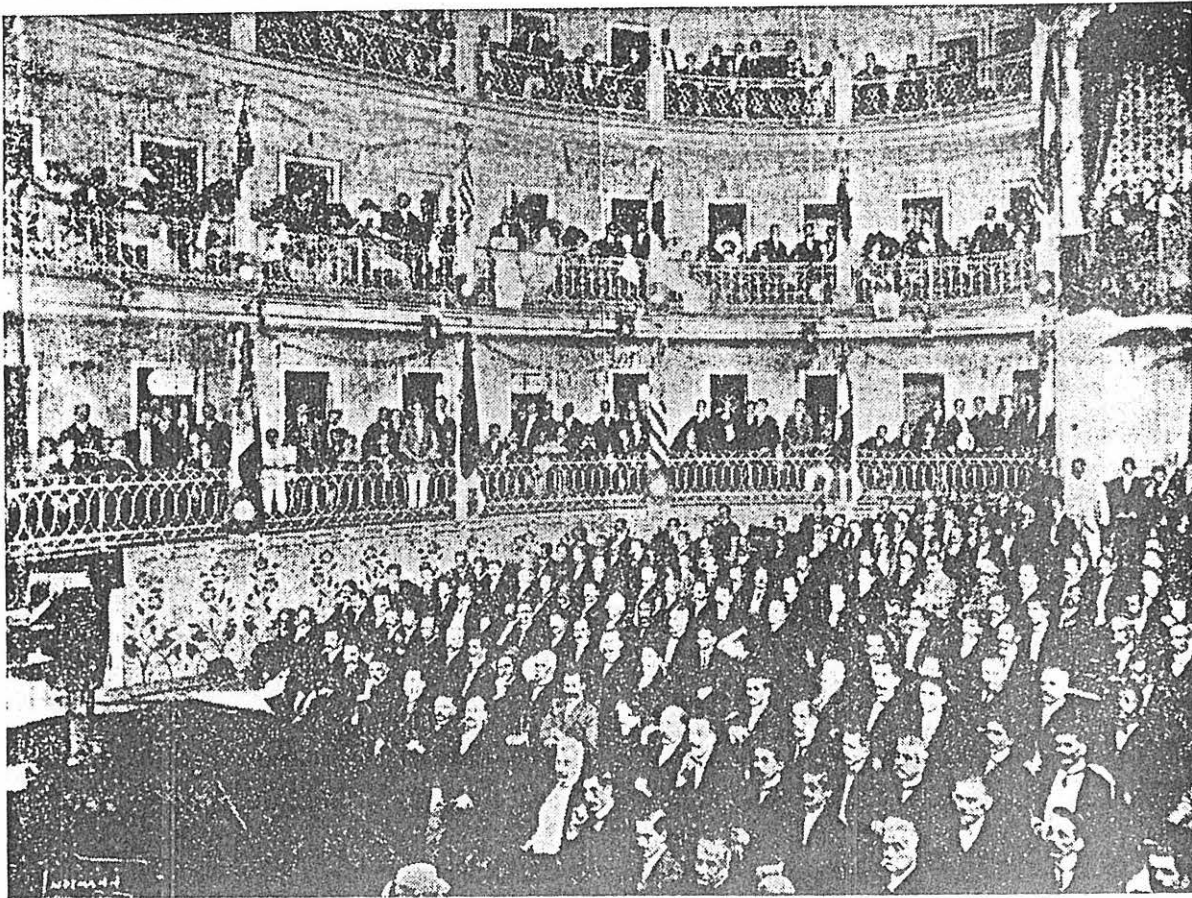
nifestações em que as platéas scindiam vibrantes em partidos, odes hymnos e palmas às estrellas de primeira grandeza; memoraveis comicios politicos pelas grandes causas nacionaes, a abolição e a Republica.

Mas tudo isso passou.

Só restava um pardieiro em ruinas, que a não ser transformado à altura, melhor valia ser substituido por um theatro moderno. As tradições ligadas a elle deviam ficar, mas o casarão podia perfeitamente desaparecer, sem nenhuma offensa ao passado e à arte...»

(Transcr. de «A TARDE» em 6-6-923)

Estamos em Junho de 1953. Fazem, pois, 30 anos que o TEATRO S. JOÃO desapareceu. Mas fazem 54 anos que se deu a Fundação da Missão Y na ILHA DE ITAPARICA, a peça maior, de quantas no mesmo TEATRO foram representadas. Sim, TEATRO, ESCOLA E TEMPLO! Gloria ao Teatro São João! Gloria à Missão Y!



Sessão memorável realizada no TEATRO S. JOÃO, no ano 1910, pelo Conselheiro Rui Barbosa. O TEATRO por nós arrendado em tal época, além de outros da Baía, inclusive CINEMAS — tivemos a gratíssima honra em oferecê-lo para ser realizada semelhante «sessão».

Tudo eramos naquela época, como tudo fomos desde que nascemos... Com dois diplomas, dos quais não podemos fazer uso, por dedicarmos a nossa Vida à semelhante Missão, eramos, entretanto, negociantes para que não fracassasse o negócio comercial de nosso saudoso Progenitor. Sobrava, entretanto, tempo bastante para socorrer os aflitos, realizar curas assombrosas, que faziam admirar homens ilustres da Medicina, como foram Nina Rodrigues, Alfredo Brito (este Diretor da Faculdade de Medicina e que nos ofereceu um «aparelho giratório para hipnotizar», e que o aceitamos não porque dele necessitamos, como tivemos ocasião de lhe dizer, mas pela pessoa que nos oferecia tal aparelho), Souza Leite (da Clínica de Charcot na Salpêtrière, mas clinicando naquela época na Baía).

Sim, em tal época nossa vida era a mais agitada possível. Amigos e admiradores os tínhamos por toda a parte, desde a beira do cais até às Academias...

Foi justamente quando Rui voltou à sua Terra para realizar semelhante sessão.

Tudo quanto de mais ilustre possuía a Baía, figura na presente fotografia. Médicos, advogados, engenhei-

ros, altas patentes do Exército e da Marinha, jornalistas, professores, negociantes, etc. etc. Na terceira fila das cadeiras, por exemplo, e do lado esquerdo, o leitor encontrará o ilustre escritor Euclides da Cunha, autor de OS SERTÕES e outras obras primas da literatura brasileira. Sylio Bocanera Junior, que teve uma história um tanto parecida com a nossa, pois foi nesse mesmo Teatro que encontrou a mulher que devia ser sua esposa — a artista Luiza Leonardo (além de ciximia pianista), é o segundo da 4a. fila de cadeiras, no centro. Fazendo parte do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, coube-lhe o lugar de Diretor desse mesmo Teatro. E ao qual dedicou uma obra de imenso valor, por sinal que a possuímos em nosso Arquivo particular. É uma espécie de Balancete em toda a existência do referido Teatro. Ele amava o Teatro S. João, talvez, por ser o Lugar onde encontrou a sua futura esposa... Amava com o ardor de baiano ilustre, que não pode admitir que nada daquela Terra, que foi a primeira Capital do Brasil, seja arruinado ou destruído. Mal sabia ele o fim a que estava destinado aquele Teatro, bem meu, bem dele, bem de todo o Povo Baiano.

É assim que a presente fotografia — que foi tirada há 43 anos (por Lindemann & Comp.) além de desmaiada, tem muitos defeitos, mas vale uma fortuna... A outra onde se vê a mesa que presidiu a referida sessão, e na mesma está presente o Conselheiro Rui Barbosa, tão arruinada se acha que não daria para um

clichê. Temo-la, por sua vez, em nosso Arquivo particular.

E' interessante apreciar a moda daqueles belos tempos: as Sras. com enormes chapéus, vestidos longos até os pés... Do mesmo modo, os homens, todos eles de bigode, menos os jovens que aí são poucos, mas demonstram a sua atração para os Homens e cousas de valor da sua Terra Natal. Do mesmo, o penteado diferente do de hoje. Colarinhos e punhos, colete branco, pesada corrente sustendo o relógio. Mudam-se os costumes, o tempo corre, mas uma cousa fica: a Tradição. E é ela que mantém a Historia de todos os Povos.

Enfim, não fosse este numero de O LUZEIRO todo dedicado ao passado, ao DIA DE S. JOÃO de 1899, tanto em Salvador como na Ilha de Itaparica!

(1) — Lisboa — a "Bôa Lis ou Flôr de Lis", como costumamos prestar homenagem àquela Terra tão ligada à nossa Obra, por ter sido fundada por Ulisses, segundo a Mitologia, tem o nome de ULISSIPA. Do mesmo modo que Portugal provém dos dois termos PORTO e GALO (Portus-galliae), por terem sido os galos ou gaulêses que aí vieram ter, guiados por seu Manu de nome UR-GARDAN, que na referida lingua quer dizer: o JARDIM (o edem, a região, o lugar, etc.) do Fogo. E isto, porque, segundo as velhas tradições, o referido Manú fez descer o Fogo do céu para destruir o velho e doentio lugar onde o mesmo povo vivia. E dirigiu-se para o litoral. A mesma palavra EUROPA, provém de UR (Fogo) e rope ou ropa (em sânscrito, RUPA, corpo, região, etc.). Não se deve esquecer que a Inglaterra "é o País de Galles ou das Galias, etc.". Donde a expressão "Príncipe de Galles, etc.". — *O autor.*

(2) O termo TEJO provém do TAG tibetano, com o significado de Montanha. E como é sabido, "os rios nascem nas montanhas e se dirigem para o mar. "TAGUS" em sentido esotérico, quer dizer: sacrificio". E TRAGUS, trago, etc. como gole, etc. que, vai ter em *Tragedia*, por sua vez, proveniente do mesmo étimo. Donde "o trago de fel", ou do vinagre embebido na esponja, na ponta da lança, que Longino deu ao Cristo para beber, quando Este pede "um pouco dagua"... O mesmo termo LONGINO, LONGUINO, LANKE (grego), refere-se à LANÇA, como instrumento longo, comprido, etc. — *O autor.*

(3) O leitor interessado que procure compreender melhor o mistério dos Signos zodiacais, por sua vez, ligados aos avatares, em nossa obra OCULTISMO E TEOSOFIA.

(4) O termo AUM, é o da Palavra sagrada, composta de 3 letras, como a própria manifestação Divina. Quem dá entrada no atrio de nosso Templo, passa por baixo da referida Palavra Sagrada, como se fosse (como é) naquela hora, abençoado por essa mesma Divindade. Acontece, também, que o termo AUM é equivalente ao AMEM, com que terminam tôdas as orações do Cristianismo. — *O autor.*

(5) Obras que merecem ser lidas, justamente por tratarem de assuntos que envolvem a nossa Missão, a bem dizer, de escritores, cuja altíssima intuição demonstra "que receberam ordem superior para escreverem semelhantes trabalhos. Sim, porque outra coisa não representam, snão, o preparo das consciências para aceitarem essa mesma Missão, as que devem ser lidas na ordem por nós adotada: — 1.º — Dans le Thibet do Pe. Huc. 2.º — À l'Ombre des Monastères thibétains — do grande místico francês Marqués de Rivière. 3.º — Bêtes, Hommes et Dieux do grande escritor polaco Ferdinand Ossendowsky. 4.º — Mystiques et Magiciens du Thibet de A. David-Neel. Nesta última obra figura uma passagem interessantíssima, que é (a autora quando chegou ao lugar o fato tinha se passado na semana anterior. E não se falava de outra coisa na região):

Na presença de perto de 80.000 pessoas, o Trachi-Lama — como quem se despede do lugar e dos seus habitantes. E depois do ritual levado a efeito, encaminha-se para a estátua de Maitreya e desaparece por ela a dentro. Maitreya, como já foi dito, é o avatara que se manifestará no OCIDENTE. Ele dava, pois, como terminado o papel do Oriente. — *O autor.*

(6) O grande Rui Barbosa — como se sabe — tinha uma *cabeça grande*. Mas este, porém, estava em harmonia com "a lei da relatividade: GRANDE CABEÇA em tudo, porque a sua inteligência era "desmedida". Mas como fosse "teimoso", maior aumento dava a sua cabeça.

Dois exemplos para o caso: quando da Revolução seabrista na Bahia, estando no Poder o Dr. Aurelio Viana (grande médico baiano, por sinal que de nossa família, como o foram Nina Rodrigues, Alfredo Brito, etc.), teve o mesmo que fugir pelos fundos do palácio (onde muito antes "foi a velha mansão de nossa família, por sinal que o autor deste trabalho, ainda criança, "caiu sobre uma lança do jardim, quasi atravessando o coração..."). E a seguir, lançou o seu protesto junto ao Governo Federal, onde se serviu do termo COACTO, em vez de "coagido", para provar que foi desse modo que teve de abandonar as rédeas do Governo. Pois bem, tôda a imprensa carioca fez ridículo desse termo... Foi o bastante: Rui manifestou-se a favor do baiano illustre, dizendo: "E' COACTO que se deve dizer, e não coagido". E não apareceu nenhum outro "cabeçudo" para contestar o expoente máximo da lingua português...

Conhece-se, ainda, aquela discussão "entre mestre e discípulo" — ou seja Rui e Carneiro Ribeiro (este também nascido na Ilha de Itaparica, onde sua velha residência foi "considerada museu nacional"). E que tomou o título de REPLICAS E TREPLICAS. A bem dizer, não houve nem vencedor nem vencedor, como aquela pergunta final da ODE ao Dois de Julho, do grande vate baiano Castro Alves: "Qual dos gigantes morto rolará"? E que já tivemos ocasião de responder: nem vencedor nem vencedor, por se tratar da infusão ibero-amerindea na formação da raça Brasileira. Portugal e Brasil continuam Irmãos e Amigos! seja pelo sangue, seja pelos feitos gloriosos nas realizações de ambos esses Países. O resto, só despertando do passado, Aquele que se chamou INFANTE HENRIQUE DE SAGRES ou I H S... Não vá o Passado estar no Presente para realização, também, do FUTURO.

Falemos um pouco, de Carneiro Ribeiro:

Viajando êle, certa vez, num bonde da Trilhos Centrais, e estando a linha (os trilhos) em concerto, alguém que se achava bem por trás do grande filólogo, teve ocasião de dizer: "Como está sendo feito o assentamento destes trilhos"! E isto, pelos passageiros terem levado alguns solavancos... Foi o bastante. Carneiro Ribeiro, de sobrecenho carregado, olhou para o tal passageiro, e disse: "Meu amigo não diga "assentamento" e sim "assento". A resposta foi a mais engraçada possível, a ponto do próprio Carneiro Ribeiro, esboçar um sorriso: "Pode estar certo, não duvido, mas o fato é que se trata de uma questão de "assento" que incomoda ou deixa de incomodar... "Pelo que se vê, embora o reclamante não fosse bom gramático — como por exemplo, o autor deste trabalho — tinha bastante espirito. Não sabemos, entretanto quem fala e escreve bem a lingua português. A confusão é enorme, a ponto de aparecer o eminente GENERAL KLINGER, para chamar de TORTOGRAFIA à ortografia moderna. E assim, todos os escritores sofrem uma "criticinha", muitas vezes, mordaz, e até ofensiva. O mesmo José de Alencar, passou por semelhante "vexame". Mas, para provar o contrário, escreveu AS MINAS DE PRATA, que não se pode negar "que seja um Tesouro", sem querer fazer trocadilho, pois em tal romance se fala nas Minas de ROBERIO DIAS, um grande tesouro, portanto. Pela parte que nos toca, como "teimoso e bisbilhoiteiro para as coisas do Espírito", podemos afirmar que tais Minas existem na SERRA DO SINCORÁ, um dos LUGARES JINAS (ou de antepassados) do BRASIL. Aqui e ali são vistos os vestígios de um povo que habitou o lugar: colonatas, murais em ruínas, e até, alamêdas. Tudo isso coberto de vegetação, mas visível à qualquer que ali vá... em busca dos tais tesouros... O fato é que, "quem menos conhece o Brasil, é o BRASILEIRO".

E por falarmos em RUI, na Secção da Rádio Nacional de São Paulo, no dia 21 de Abril p.p., secção que tem o mesmo nome da do RIO, NADA ALÉM DE DOIS MINUTOS — por sinal que uma das valiosas criações do querido PAULO ROBERTO (que muito honra as nossas fileiras, do mesmo modo que todos da sua queridíssima Família), grandes elogios foram feitos em torno da figura illustre do grande baiano. Não ousaríamos dizer "Obrigado Doutor", por não ter êle feito outra coisa, através de quem aqui brilhantemente o representa, que é o não menos querido radialista WALTER FORSTER — si não "PRESTAR HONRA AO MERITO", àquele que, por sua vez, soube HONRAR o Nome do Brasil "na conferência de Haya", para receber o precioso título de "AGUIA DE HAYA" — *O autor.*

(7) "Por lei de Causalidade", tanto o Pai de J H S como o Venerável Sêr que fazia parte da comitiva que o acompanhou ao Norte da India (também chamado Henrique Antunes da Silva Neves, e sua esposa, Helena A. da Silva Neves, mesmos nomes dos Dois Dirigentes da Missão Y) eram

armadores. O primeiro possuía DOZE navios (algo assim como os Doze signos do Zodíaco, os Doze Cavaleiros da Tavola Redonda, os Doze Pares de França, os Doze Apóstolos, etc. etc.), inclusive um de nome "Rio Real" que tendo sido salvo de uma grande tempestade" seu comandante prometeu ao Senhor do Bonfim uma miniatura do barco, etc. como se pode comprovar "na sala dos Milagres dessa mesma Igreja, na capital baiana, por sinal que já tendo saído na revista carioca "O CRUZEIRO". F' termos uma cópia em nosso arquivo, como sempre, pelo esforço de nosso Irmão e Amigo Dr. Jaddo Couto Maciel, da Secretaria da Prefeitura daquela cidade.

Quanto ao Venerável ancião — que se diga de passagem "foi um dos grandes amigos do pai do autor deste estudo" — possuía, por sua vez, DEZ navios. Dentre eles, o de nome DRAGÃO... E com os quais fazia o transporte de mercadorias de Lisboa para GÓA e vice-versa. Em tal lugar, a família — como se viu na descrição de NOSSA VIAGEM AO NORTE DA INDIA — possuía uma valiosa "mansão", onde estivemos hospedados. E na hora da partida, sua esposa "a santa mulher de porte de rainha", face banhada em lágrimas, dizia adeus com seu lenço de linho... postada à beira do cáis...

O Infante Henrique de Sagres era devoto da VIRGEM DA CONCEIÇÃO, como o é até hoje, o próprio Portugal. Por sua vez, a Ilha de Itaparica tem por padroeiros, A VIRGEM DA CONCEIÇÃO e S. LOURENÇO. Quando ali estivemos pela primeira vez (em 1899) estava encaixada uma barca com o nome Conceição Feliz. Mais adiante, neste mesmo trabalho, o leitor terá ocasião de verificar "quanto pode a Vontade Divina"... permitindo que até hoje (54 anos decorridos), os restos dessa mesma Barca continuem no mesmo lugar, onde se achavam naquela época... A família de HJS ou JHS, que tanto vale, também "era devota da mesma Virgem. O dia 8 de Dezembro era comemorado, anualmente, com grandes festas nos salões da confortável Residência da Família J.H.S.

S. Lourenço de Góá, também figura naquela possessão portuguesa. S. Lourenço dos Anciãos, é o nome de uma estância sulfurosa próximo à Coimbra. E outrora possuía duas fontes com os nomes: *Henrique e Helena*.

Finalmente, além de em Itaparica existir um forte com semelhante nome, e uma Igreja, cujo sino é o mais sonoro que se conhece, bem por ter sido feito com liga de ouro... a Obra teria que chegar ao S. Lourenço sul-mineiro, pois aí "era o lugar onde a Mônada alcançou o máximo da sua evolução no presente ciclo, isto é os 23.º de latitude-sul no Tropicó de Capricórnio... "E lá está a Séde e Fôro da Sociedade Teosofica Brasileira, com Departamentos em diversos Estados da União, aos quais estão subordinadas as Instituições à mesma filiadas.

Aproveitemos esta anotação — pois todo lugar é próprio para se dar ensinamentos — afim de falarmos a respeito do IOD ou JOD (o nosso J) hebraico, equivalente ainda, ao JOTA grego. Assim, IESUS ou JESUS, IEOSHUA (ou JEOSHUA Bem Pandira, como verdadeiro nome de Jesus) são termos idênticos. Na tabuleta que os judeus pregaram no tópo da Cruz, figuravam, como se sabe, as 4 iniciais: INRI (JNRJ), isto é, IESUS NAZAREUS (e não nazarenus, porque Ele não nasceu em Nazaré, e sim, "era da seita dos Nazares... de Monte Moria), REX IUDEORUM. De fato, o termo NAZAR provem de outros mais antigos, como o RAZAN, semelhante ao RASER francês, que quer dizer, "cortar". Do mesmo modo que, RASOR em inglês é navalha. E os nazareus ou nazarenos, se o quizerem, "usavam os cabelos à altura dos ombros". Até hoje se dá esse nome ao cabelo cortado dessa forma, inclusive, nas mulheres... Sim, Nasar ou RAZAN, anagramaticamente, a Raser e Rasor naqueles dois idiomas, pois que no nosso próprio RASAR "é cortar raso ou igual a tal dimensão, pois que, o de RASPAR é cortar rente os cabelos, etc. RASAR, por sua vez, quer dizer: medir com a rasa, acertar com a rasoura, tornar rasa ou nivelada, igualada, etc, tal como os cabelos daquela maneira, "igualados com os ombros".

Tudo isso faz cair por terra a idéia de Nazaré ter "sido a verdadeira Terra do Grande profeta de Galiléia". Por uma simples casualidade, em 1814, quando perdemos toda a nossa fortuna material, para cuidarmos da espiritual, fomos para a cidade de Nazaré, na Bahia. E donde voltamos, por falta de quem nos cortasse os cabelos. "com estes a NAZARENO", fazendo (af' sim) jús à referida cidade...

Outrossim, quando o Talmud diz que, "Iesu roubou a Pavra Perdida, do Templo", está muito longe de saber o ver-

dadeiro sentido dessa frase, inclusive; os mais conspicuos Rabinos. O verdadeiro sentido, é este: IESU ou IESUS, IES, ISS (com este ultimo termo existe um tumulto na cidade de LEH, ao Norte da India, e léste de Srinagar", visitado por muitos ocidentais, inclusive um "reporter do Correio da Manhã, que fez poética descrição desse tumulto, etc. Do mesmo modo que Nicholas Roerich, na sua valiosa obra intitulada EL CORAZON DE ASIA), repetimos, IESUS ou antes, IEOSHUA, nada mais fez do que, juntar as 3 cabalísticas iniciais — JHS — às 7 vogais (do OEEAHOO, os dois o valendo por U...) para formar o seu proprio nome secreto, pois que o verdadeiro era bem outro. Sim, JEOSHUA, pois, como se vê, também possui sete letras.

"Prometeu também ROUBOU o Fogo aos Deuses, colocando-o na sua cana", cujo sentido até hoje ignorado, é o seguinte: Prometeu "acorrentado no Caucaso ou CARCERE CARNAL", representa a propria Humanidade, pois, que, "o abute que lhe devora as entranhas, é o da IGNORANCIA DAS COUSAS DIVINAS". Na mesma razão das correntes que o prendem àquele lugar, são as correntes ou péias terrenas, que lhe não deixam evoluir ou caminhar para a Meta Final das cousas, onde tremeluz o magico Triângulo da Iniciação... O termo grego OEDIPO, significa "pés inchados", isto é de tanto caminhar. Mas isto, para aqueles que não se detêm no caminho, zarchando, evoluindo sempre para o referido Lugar...

Guardar o Fogo roubado aos Deuses, na cana, quer dizer: "a manifestação do Fogo Kundalini (ou serpentino) que vive na coluna (ou cana) vertebral, idêntico ao MERCURIO na coluna do termômetro, pois que, o mesmo Deus daquele Nome, traz duas Serpentes no caduceu, que também é uma cana, bastão, etc. Quando o fogo Kundalini se manifesta no discípulo, este passa à categoria de Adepto ou Homem Perfeito, tornando-se também, um Guia espiritual da Humanidade. O fenômeno acontecido com o Padre Antonio Vieira, é idêntico ao referido fenômeno. Pedindo ele diariamente à VIRGEM MARIA, que lhe desse inteligência, um dia sentiu um estalo na cabeça. E caiu desmaiado no sólo. Quando despertou, era outro homem, isto é, Aquele que até hoje é respeitado pelo seu enorme talento, revelado através dos seus magníficos sermões. Tivemos ocasião de visitar a sua céla, na catedral bahiana (ou Igreja de S. Salvador), postandonos diante da sua cadeira, hoje envelhecida, largando os pedaços, etc. E com uma corrente para que ninguém a possa tocar. Foi nessa mesma Igreja, ou antes, no seu frontespicio, que — calouros ainda — nos puzeram no nicho do Salvador, para fazermos um discurso... Faz parte de nossa Biografia para termos de repeti-lo nesse lugar.

A Virgem Maria ou Mãe Divina, como a chamam os orientais, é uma representação do Espírito Santo, em forma de POMBA, mas também, de Fogo. Haja vista, no Dia de Pentecostes. Ele se manifestar "em forma de linguas de Fogo" sobre os Apóstolos, e no mesmo instante Eles começaram a falar uma lingua estranha, isto é, a lingua sagrada dos Deuses, pois, em verdade, é a da Sabedoria Divina ou TEOSOFIA. Não é isso o excelso DOM DA INTELIGENCIA?

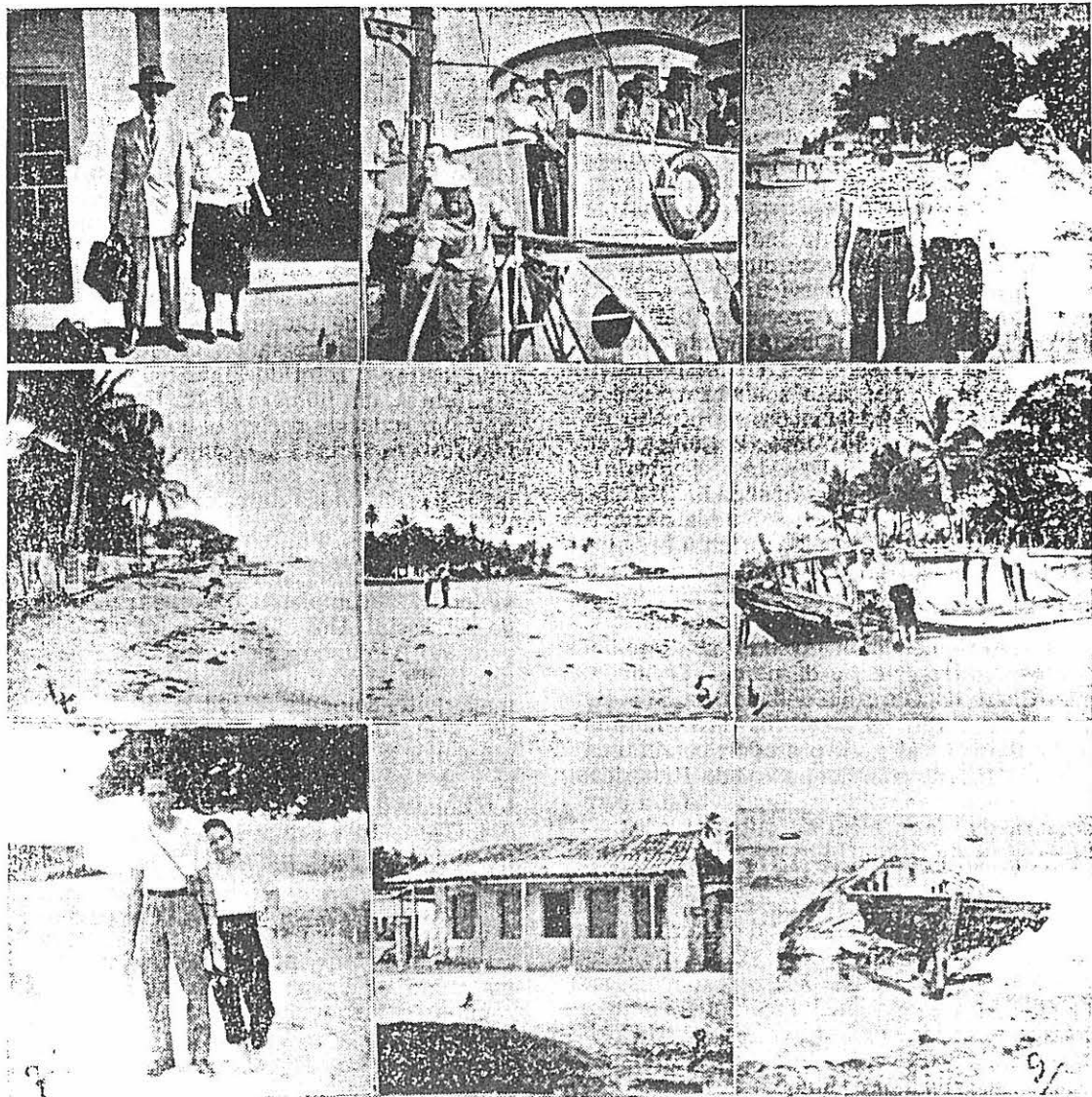
Por sua vez, "entrar em extase" (no Ocidente) é o mesmo que "entrar em Samadhi (no Oriente), como 8.º passo da Ioga de Patanjali. Tanto vale dizer: entrar em comunhão mental com a propria Divindade.

AOS SENHORES ASSINANTES

Para que a distribuição de "O LUZEIRO"

continue a se processar normalmente, sem qualquer interrupção, pedimos aos senhores assinantes, que renóvem em tempo as suas assinaturas, tendo em vista os novos preços para o Brasil e para o Estrangeiro.

(A administração).



HOMENAGEM
 DE
 "O LUZEIRO"
 A ILHA DE
 ITAPARICA



Três membros
 da S. T. B. visitam
 A ILHA
 ENCANTADA



1 — Embarque da comitiva dos 3 Irmãos da S. T. B. na Companhia Baiana. Na fotografia se acha o casal Humberto e Celia Pires, pois que, o fotógrafo é o terceiro da comitiva, o Sr. Walter Carvalho. 2 — A bordo do «Mascote» — pequeno vapor que faz o trajeto de Salvador à cidade de Itaparica. Quem quer visitar o Mar Grande, etc. na mesma Ilha, ou vai de saveiro, lancha, etc. ou chegando àquela cidade, toma uma embarcação qualquer em direção às diversas regiões da Ilha onde deseje chegar. Do mesmo modo que, os visitantes — principalmente quando a maré está baixa, são carregados nos ombros, por pescadores ou outros itaparicanos que se dedicam ao referido serviço. 3 — O casal Humberto e Celia, depois de terem procurado outro antigo residente da Ilha, de nome Dino, e conhecido da família da Sra. Celia Sento Sé Pires (família conceituada na capital baiana), por este souberam «que o único que lhes poderia dar informações a respeito da «Mansão do Comendador Jacinto José de Souza (avô do Chefe da Obra em que a S.T.B. está empenhada), era o sr. Olofernes Pimenta Bastos, apelidado «SIDÚ». De fato, os três turistas da S.T.B. — na sua abnegação e respeito por semelhante Obra — foram à procura do referido senhor. E é, justamente, com êle que tiraram a fotografia apontada no clichê com o número 3. Por êle souberam diversas coisas, além de confirmar que «conheceu o referido Comendador e tôda a sua família, inclusive os netos, dentre estes, o de nome «Yôsinho», que é o mesmo Chefe da Obra e Fundador da S.T.B. Que carregou várias vezes, os membros dessa mesma família. O «velho Sidú» — além de pescador, possui uma caieira na referida ILHA, pois que, a cal de Itaperica, é conhecida como uma das melhores, «por ser feita com mariscos», embora que isso, além de outras razões — como a das correntes marítimas, etc. — tenha concorrido para o mar invadir a referida ILHA, chegando ao ponto de destruir as casas, etc. Não faz muito, duas ou três velhas residências, muito próximas da praia, foram tragadas pelo mar... 4 — Lugar onde existia a «Mansão do Comendador Jacinto José de Souza», mais conhecida como «a casa das sete janelas». Naquele tempo, haviam duas casas, uma maior e outra menor. Na primeira, residia a família, no verão. Enquanto na menor, hospedes e outros parentes, que também apareciam em tal época do ano. Vultoso era o número de mangueiras, cajueiros, coqueiros, goiabeiras, etc. etc. Além de pitangueiras, que formavam o adorno mais valioso da entrada da referida «Mansão». Tendo um jardineiro entendido na arte, este — de acôrdo com o desejo do velho Comendador Jacinto Souza, preparou um lindo presépio, tendo os 3 Reis Magos de joelhos, a seu lado. Tudo isso, feito de pitangueiras. Pelo Natal, vultoso era o número de pessoas que vinham da cidade do Salvador, e outras cidades adjacentes para apreciar o referido quadro, representando «o nascimento do Deus Menino». Pois bem, tudo isso desapareceu, só ficando a tradição, além de outros vestígios dignos de nota. Sim, foi em frente à referida «Mansão», onde a Obra teve a sua **fundação espiritual**. Verdadeiro Marco dedicado aos ciclos de Piscis e de Aquarius, mesmo porque a própria Ilha, seja no nome (Ita-pedra e parica anteparas, pois é cercada de arrecifes) se assemelha a um grande Aquario repleto de peixes... H. J. S. de acôrdo com um sonho que teve muitos anos depois, escreveu uma balada, além de musicá-la, e que tem por título O PE-REGRINO DA VIDA, a mesma que é cantada nas grandes datas da Obra. E onde há um trecho que diz assim:

«Nas areias daquela Ilha
Um Presepio foi armado
Delas surgio a Maravilha
Do Deus do céu adorado».

5 — A Ilha de Itaparica — que tem sete léguas de comprimento por três de largura — como é natural — possui uma vasta extensão de areia (ou praia), isto é, da ponta Sul, que é a própria «cidade de Itaparica, com suas alamedas, ruas, residências de valor, tudo isso, a bem dizer, com o auxílio do então Governador da Baía, Coronel Juraci Magalhães, até hoje — embora não fosse filho da Baía — muito estimado pelo povo baiano. Como diziamos, desde a Ponta Sul, até a Norte, que tem o nome de Barra do Gil. Este nome faz lembrar um episódio interessante, ou seja: O mesmo H. J. S. indo visitar o referido lugar, em companhia de amigos e parentes, em número de 22 (os 22 Arcanos Maiores), caiu um sudoeste perigoso, e quasi todos morreriam, se não fosse a astúcia e «conhecimentos de marinha» que o mesmo **carrega consigo** (Skhandas ou tendências de uma de suas vidas anteriores...), pois que, o «mestre da embarcação», foi o primeiro a desanimar em salvá-la, como a todos quantos na mesma viajavam... Uma outra maneira de agir da parte de H. S. J., um tanto violenta... completou o «milagre». Nem podia deixar de ser assim. Um barco com 22 pessoas, relativamente pequeno, viajando entre arrecifes, sob a ferocidade de um vento como é o sudoeste. E isto, mais ou menos, à meia-noite, somente de um HEROI... Quanto às águas da cidade de Itaparica, produz curas verdadeiramente miraculosas. O «beri-beri», por exemplo, é curado em poucos dias. Tomamos como ilustres e digníssimas testemunhas dessas nossas palavras, os médicos baianos drs. Clementino Fraga e Martagão Gesteira, de há muito clinicando na Capital da República. Não falemos em certa fonte misteriosa, que deu o nome ao lugar, de «MILAGRES», cujas curas (alguns jornais e revistas cariocas, inclusive O **Cruzeiro**, já fizeram reportagens a respeito), vêm sendo verdadeiramente prodigiosas. Toma conta do lugar, alguém que esteve cego, e um dia sonhou ou teve uma Visão com uma SENHORA TODA DE BRANCO, (a Virgem Maria? a Mãe Divina?) que lhe ordenou que fosse ao referido lugar, e banhasse os olhos com a água ali existente. E o «milagre» se deu. A pessoa ficou curada da cegueira. Voltando à cidade do Salvador, dias depois tornou a ficar cega, e a mesma Senhora lhe apareceu dizendo que voltasse ao mesmo Lugar, pois ali deveria morar e concorrer para que outras pessoas se curassem. E assim aconteceu: aquele que obteve semelhante graça dos céus, reside naquele lugar e a outros concorre para que fiquem curados, não só da cegueira, como de outras doenças. Se a todos acontece a mesma coisa, não podemos dizer. Mesmo porque, se acreditamos no KARMA, nem todos podem ser contemplados com «semelhante milagre». De fato, a ILHA DE ITAPARICA é mais do que a ILHA MISTERIOSA de Julio Verne, por ser a ILHA MIRACULOSA por Deus escolhida para Berço da Civilização Brasileira. Para Berço da Missão Y. **Res non verba!** 6 — Milagre do tempo! A lancha CONCEIÇÃO FELIZ, que ali estava quando Henrique e Helena foram pela primeira vez ao referido lugar. Isto, aos 24 dias do mês de Junho de 1899 (dia de S. João. E vindos do Teatro do mesmo nome...), ali continúa «encalhada». S. Lourenço e a Virgem da Conceição, são os Padroeiros da referida ILHA. Do mesmo modo que a primeira o é de Portugal, por ter sido, do GRANDE NAVEGADOR E GUERREIRO, o Infante

Henrique de SAGRES. A mãe de HJS ou JHS, se o quiserem... também era devota da Virgem da Conceição. O dia 8 de Dezembro era festejado na família, com grande pompa. Maria, Mãe, Espírito Santo, tanto valem. E a prova é que, Colombo, na sua sigla, saudava, ao mesmo tempo, à Maria e ao Espírito Santo. A sra. Celia Sento Sé, em dúvida se tal Barca era mesmo a Conceição Feliz, pediu à Virgem que lhe desse um sinal... E viu pousar na borda da mesma lancha, uma Pomba de alvura imaculada. Só lhe faltava trazer no bico «o ramo de oliveira», qual aconteceu com o Noé bíblico. De cuja passagem surgiu a frase: SIC ILLA AD ARCAM REVERSA EST («Assim voltou ela para a Arca», Barca ou Agartha...). Tomé de SOUSA — como primeiro Governador do Brasil, logo chegou a Salvador, desfraldou a sua Bandeira, com esses mesmos emblemas e lema. E até hoje, são usados pela Municipalidade baiana. Sim, hoje o mar beijando a face da Conceição Feliz, está dando o seu último Adeus, depois da mesma ter oferecido aos 3 visitantes da S. T. B. a sua verdadeira IDENTIDADE. E assim, dentro em breve, tal como a VALISNERIA, a flôr aquática, estudada pelo grande Maeterlinck, **despetalar-se-á** nos seus últimos fragmentos de madeira... mas, levando em seu Seio «o fruto de um amor heroico»... Em 1899, o ETERNO, em forma de NETUNO abençoou a **Hermes e Afrodite** (o Hermafrodita Divino, ou Mercurio e Venus), falando-lhes a respeito de ADONIS, que é o mesmo CUPIDO, não o deus da má interpretação sexual dos não entendidos no sagrado Mistério do AMOR UNIVERSAL, mas, do alegórico desse mesmo Amor, como Princípio Crístico ou SETIMO... Quanto aos Três TURISTAS DA S. T. B. heroicos e abnegados — poderiam dizer como se fôsem a própria Divindade: VI, ASSISTÍ, COMPREENDI. E haviam dito muito, muitíssimo, a respeito da ILHA DE ITAPARICA. 7 — A sra. Celia Sento Sé Pires — bastante fatigada pelos esforços do dia, apoia-se no ombro do seu esposo... Já antes ficaram os dois ao lado da Barca Conceição Feliz, como se fôra uma cópia da antiga têla entre Henrique e Helena naquele mesmo e santo LUGAR. — 8 Casa onde reside, com a sua família, o sr. Olofernes Pimenta Bastos, o queridíssimo SIDU, a quem muito deve a comitiva pelas valiosas informações que lhe prestou, além de outros serviços. Obrigado, «amigo Sidú». Você precisa viver mais tempo... para falar também... das coisas de Deus, das coisas que o Tempo não consome por pertencerem ao REINO DO CÉU. 9 — Outra pôse da lancha CONCEIÇÃO FELIZ. Cada vez mais... o mar da mesma se aproxima. Dá a impressão, também, do cadáver de «Ofelia boiando sobre as águas, coberto de flôres... Adeus, Conceição Feliz», jamais Te veremos! 10 — A comitiva itaparicana dá entrada na Cruzeiro do Sul, no

dia 13 de Maio p.p. Dia das Mães (ou Marias) por nós instituído no ano passado. Primeiro Dia da Lua Nova, que, segundo as tradições, foi dada uma Benção espiritual para o mundo. «Libertação dos escravos», mas, em verdade, dos homens escravizados pela Ignorância das coisas divinas. Por sete dias, a preciosa reliquia — que foi um pedaço de uma das cavernas da tradicional lancha com o precioso Nome de «Conceição Feliz» — por eles trazido no mesmo avião em que vieram, sem medir sacrifício de espécie alguma, pois que assim o faziam em Homenagem à Obra — esteve exposta na CRUZEIRO DO SUL, lugar onde foi tirada a fotografia desse número. A seguir, foi a mesma conduzida para o Museu de nosso Templo, na Vila Canaã, em S. Lourenço, onde se acham, por sua vez, inúmeras outras «reliquias» — inclusive a velha madeira de que se compunha «a cancela da ex-Pensão S. Benedito», onde os mesmos Fundadores da Obra se hospedaram em 1921... Sim, ITAPARICA E S. LOURENÇO são nomes que se completam. Duas fundações para uma terceira material em NITEROI, aos 10 dias do mês de Agosto de 1924. Mais uma vez: «Dante, Virgílio, Homero, Horacio, Milton e outros Gênios da literatura clássica. Vós que tantas «maravilhas» escrevestes, no entanto, à Elas não destes vida e forma, como se fôra Pigmalião enamorado por Galatéia, a sua própria Estatua»... Aqui, é a própria Divindade que se extasia diante da sua própria VONTADE transformada em Realidade, em ATIVIDADE, mas também, em SABEDORIA e JUSTIÇA entre os seres da Terra. Sim, VITAM IMPENDERE VERO!



Curso de Correspondência da S. T. B.

A Sociedade Teosófica Brasileira mantém um Curso de Correspondência. Escreva para o seguinte endereço. Sociedade Teosófica Brasileira, Rua Buenos Aires, 81, 1º andar, Rio de Janeiro, e receberá regularmente suas aulas por correspondência.

HOMENAGEM À BAHIA



Bahia de Rui Barbosa, de Virgilio Damasio, de Manoel Vitorino Pereira, José Joaquim Seabra, Carneiro Ribeiro, Castro Alves e outros grandes Vultos que honram a nossa História!

A Tua Capital é SALVADOR, em cuja frente se acha a prodigiosa ILHA DE ITAPARICA, onde a mágica parêlha ibero-americana — DIOGO ALVARES CORREÁ, o Caramurú, «ou Serpente do Mar» e CATARINA PARAGUAÇÚ, formaram o BERÇO DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. Mas também, abençoado LUGAR onde HENRIQUE E HELENA — através de um PRESEPIO «armado nas arêias daquela ILHA» — lançaram a GLORIOSA SEMENTE da ERA DO AQUARIO.

ITAPARICA — «anteparas de pedras ou de arrecifes» — um AQUARIO, enfim, dentro do qual habitam milhares de PEIXES, firmando, desse modo, um CICLO QUE DESAPARECE e outro que SURGE no Horizonte Espiritual do Mundo! Sim, PISCIS e AQUARIUS!...

TERRA DE SANTA CRUZ! TODOS OS SANTOS TE ADORAM!

TERRA DA PROMISSÃO! Os próprios Deuses Te veneram!

Por tudo isso, e muito mais ainda, foi que o grande RUI — como Um dos Maiores de Teus Filhos, procurou homenagear-Te com estas palavras:

«Bahia, grandeza do meu Torrão Natal, Gênio do futuro Brasileiro».

H. J. Souza

ULTIMA HORA

A SOCIEDADE TEOSOFICA BRASILEIRA RECONHECIDA DE UTILIDADE PUBLICA

Como se a Lei de Causalidade tivesse se manifestado para completar as homenagens prestadas, pelo presente numero de "O LUZEIRO", ao 54.º aniversario da "MISSÃO Y", levamos ao conhecimento de nossos ilustres e queridos leitores que a SOCIEDADE TEOSOFICA BRASILEIRA acaba de ser reconhecida de utilidade pública pela Câmara Municipal da cidade de S. Lourenço (onde tem sua sede e Iôro), pelos inúmeros beneficios materiais e espirituais que tem proporcionado àquela estancia hidromineral.

O Projêto de Lei (que, quando sancio-

nado, transformou-se na Lei Municipal n.º 172) foi apresentado pelo distinto e operoso vereador, Dr. Antonio Lourenço de Bittencourt Filho e sancionado pelo digníssimo Prefeito de S. Lourenço, Dr. Emilio Abdon Póvoa.

No próximo número de "O LUZEIRO" serão publicados, na integra, os considerandos apresentados à Câmara pelo Dr. Bittencourt Filho.

IMPRESSO NA
GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.
Rua Carnot, 94 - S. Paulo